

**Um ensaio sobre
Black Power,
de Richard Wright**

José Luiz Pereira da Costa

Um ensaio sobre Black Power, de Richard Wright

José Luiz Pereira da Costa

Com muito entusiasmo e interesse eu lia, nos últimos dias de 2006, o livro de Ryszard Kapuściński¹, **Minhas viagens com Herdoto – Entre a história e o jornalismo**². Chegando à página 271, encontrei a seguinte informação: “Entretanto, a alegria de presenciar o renascimento de uma coletividade tão diferenciada convivia com uma certa decepção e desencantamento. Por exemplo: foi em Dakar que li **Black Power**, um livro emocionante do escritor americano Richard Wright. No início dos anos 50, Wright, um afro-americano do Harlem, movido pelo desejo de retornar à terra dos seus antepassados – dizia-se então “o retorno ao seio da mãe África”–, resolve viajar para Gana. Naquele momento, os ganenses lutam por sua independência, realizam comícios, se rebelam, protestam. Wright toma parte nisso tudo, familiariza-se com a vida cotidiana das cidades, visita os mercados de Acra e Takoradi, conversa com os comerciantes e os camponeses. E constata que, embora tivessem a mesma cor de pele, eles – os africanos – e ele – um americano – são como estrangeiros, não possuem uma linguagem comum, e tudo aquilo que é importante para eles é completamente indiferente para ele, e vice-versa. A medida que prossegue em sua viagem pela África, a sensação de ser um estrangeiro se intensifica e acaba por se tornar insuportável, como uma maldição e um pesadelo”.

Nas instantaneidades maravilhosas que estou vivenciando, e extensamente delas me valer, fechei o livro, marcado com um *post-it*, e abri a caverna maravilhosa da internet. Lá estava, na livraria *Amazon.com* o livro de Wright, mas com a informação de que se achava esgotado, fora de catálogo. Todavia, havia alguns exemplares usados que poderiam por ali ser encomendados. A *Amazon* se liga a uma rede de pequenas livrarias e sebos mundo afora. Em poucos dias estava na portaria de meu edifício, trazido pelo carteiro, o exemplar de **Black Power – A Record of Reactions in a Land of Pathos**, de Richard Wright. Um dos proprietários, ou talvez o único dono do livro, Travis Johnson, que estava ligado a um *Studio 2*, deixou esta marca no livro, além de inúmeros registros de seu assentimento ou discordância com passagens da obra, em sublinhados, longos colchetes à margem do texto e até um breve poema que parece uma seqüência sucinta de compromissos. Ah, mas que importa! O livro estava ali, tinha bom aspecto e não faltava nenhuma página.

Mas por que me entusiasmaria tanto um livro referência na obra de Kapuściński? Porque Richard Wright tem a narrativa que mais me fascina, dentre os autores afro-americanos. É meu conhecido, sem dúvida alguma, por quase vinte anos. Mas, com alguma dúvida, por outros mais trinta anos.

Houve um momento, eram anos da década de 1950, quando formávamos um trio de amigos, o Divino Teixeira e o Adão Cravem da Silva. O Divino era leitor compulsivo de *pocket-books*, em inglês, e como tal nos levava a um processo de troca de livrinhos entre nós mesmos. Naquele tempo, nesse tipo de livro popular, brilhavam autores negros do chamado Renascimento do Harlem, dentre eles com destaque Langston Huges, Ralph Ellison, James Weldon Johnson e James Baldwin. Mas minha memória me trai em confirmar se li naquele tempo ou somente nos anos 1980, **Native Son**, considerada obra prima de Wright.

De qualquer forma, meu encontro ou reencontro com Wright deu-se quando lia uma antologia de

1 - Ryszard Kapuściński (1931 – jan 2007). Nasceu em Pinsku, Biélorrússia

2 - Edição da Companhia das Letras.

autores afro-americanos, **Black Voices**, de Abraham Chapman³, e li com grande encantamento um longo conto, quase um romance, intitulado **The Man Who Lived Underground**. E, também, na mesma coletânea encontrei um poema, **Between the World and Me**, que traduzo a seguir, por essencial para a visão que desejo externar, após haver lido, num fôlego só, as muitas páginas de **Black Power**. Escreveu:

*Certa feita, caminhando pelo bosque, tropecei inesperadamente em algo.
Tropecei naquilo, numa clareira recoberta de abundante capim, protegida pela
folhagem, carvalhos e olmos.*

*E os detalhes obscuros da cena irromperam, projetando-se entre o mundo e
mim...*

*Ali estavam ossos brancos repousando esquecidos sobre um coxim de cinzas.
E também o toco carbonizado de árvore, apontando acusatoriamente um dedo
rombudo para os céus.*

*E ramos dilacerados, pequenos galhos e folhas queimadas, e uma ramada
chamuscada de gorduroso cânhamo.*

*Um sapato vazio, uma gravata avulsa, uma camisa dilacerada, um chapéu
abandonado e calças endurecidas com o sangue negro.*

*E, sobre o capim amarfanhado havia botões, fósforos queimados, baganas de
charutos e cigarros, cascas de amendoins, uma garrafa vazia de gim e um batom de
prostituta.*

*Vestígios espalhados de alcatrão, penas inquietas, e um rasto do cheiro de
gasolina.*

*E, permeando o ar da manhã, o sol salpicou com o amarelo da surpresa as
cavidades oculares de um empedernido crânio...*

*Enquanto contemplava aquilo, minha mente se fez estática, com uma fria
piedade daquela vida que se fora.*

*O chão agarrou meus pés e meu coração viu-se envolto nas paredes frias do
medo.*

*O sol morria no céu; a brisa da noite murmurava pelo capinzal e remexia com
as folhas das árvores; o mato externava sua ânsia uivando persistente; a escuridão
gritava com vozes secas; e a testemunha ergueu-se e viveu:*

*Os ossos secos se agitaram, chocalharam, se ergueram misturando-se com os
meus ossos.*

*As cinzas plúmbeas formaram a carne rija e negra, entrando em minha carne.
A garrafa de gim passou de boca em boca; cigarros e charutos voltaram a arder
e a marafona aplicou o batom vermelho em seus lábios,*

*E milhares de faces redemoinharam à minha frente; exigiam que minha vida
fosse queimada...*

*Então eles me prenderam, arrancaram minhas roupas, quebraram meus dentes,
fazendo com que eu engolissem meu próprio sangue.*

*Minha voz sumiu em meio ao troar de suas vozes, e meu suado corpo negro
deslizou e rolou em suas mãos, enquanto eles me atiravam contra os coletes.*

*O quente alcatrão aderiu à minha pele, que se desprendia em nacos informes.
E as pontas agudas das penas penetraram em minha carne crua, fazendo
lamentar-me em minha agonia.*

*Então misericordiosamente meu sangue esfriou, resfriado por um batismo de
gasolina.*

*Qual uma chama vermelha pulei em direção aos céus, na medida em que a dor
subia como a água, fervendo meus membros.*

*Arquejante, implorando, envolvi-me qual uma criança, envolvi-me para o lado
quente da morte.*

*Agora sou ossos secos e meu rosto um empedernido crânio fixado olhando no
amarelo da surpresa para o sol.*

Entre a informação de Kapuściński e a chegada do livro da *Amazon.com*, terminei “nossas” Viagens com Heródoto”, fui reler coisas de Wright. Por diletantismo, eu havia traduzido uma longa seqüência de trabalhos seus – contos e, mesmo, alguns trechos de sua autobiografia.

Eu não tinha, assim, a menor idéia de como Wright havia vivido seus dias na Costa do Ouro. As suas reações ao chegar à terra de parte de nossos ancestrais comuns teriam sido as mesmas que eu, vinte e três anos após, experimentara? Ele chegou a um país ainda colônia de outro. Eu estaria num país independente que, para se apartar, radicalmente, de um passado centenário de humilhação, trocara de nome. Não carregava mais a marca da exploração, corrente ao longo da costa oeste africana – costa do Ouro, do Marfim, dos Escravos, da Pimenta: chamava-se Gana, em homenagem a poderoso império africano do início do milênio anterior – o Império de Ghana⁴.

As resenhas disponíveis sobre **Black Power**, celebravam a qualidade reconhecida dos textos de Wright. Entretanto, avisavam que ele experimentava agora não a literatura de ficção, que o notabilizara, mas ingressava numa espécie de literatura de viagem.

Então, nessas indagações preliminares sobre o que traria o livro a caminho, conjecturei se ele seria o mesmo e poderoso denunciador das mazelas de sua sociedade nativa, que o levava a exilar-se na França – denunciando então as questões coloniais, eis que ele chegava à Costa do Ouro no estertor do Império Colonial Britânico na África. Mas também se ali estaria o construtor de imagens fortes, bem acabadas, quase quadros que o leitor podia visualizá-los, com cor e movimento.



Já li todo o livro e fiz inúmeras marcas de minhas alegrias, minhas perplexidades, meus desencantos e, acima de tudo, se é que posso ter, minha compreensão à visão, de algum modo, norte-americana, do escritor nascido nos Estados Unidos, Richard Wright. Todavia, encontrei, vinte e três anos após, com outros olhos; olhos que ousou dizer, de afro-brasileiro, no “primeiro plano” aparentemente as mesmas coisas, ao transpor a alfândega, não do porto marítimo de Takoradi, aonde chegou Wright, mas do moderno aeroporto Kotoka, recém construído, aonde aterrei num brilhante dia de janeiro de 1976. Ele disse:

"Saído da alfândega, eu via a África pela primeira vez, em primeiro plano: vida negra por todos os lados. Meus olhos se cravaram numa mulher vestindo colorida e brilhante extensão de fazenda, que fixava às costas seu nenê; as pernas da criança se esparramavam sobre suas cadeiras e coxas, enquanto a cabecinha repousava no sono com um rosário de contas na testa. A veste segurava o peso do nenê e se ancorava sobre os seios, comprimindo firme a carne. Outra mulher lavava um conjunto de panelas no chão, curvada num ângulo de 45 graus, sob um sol escaldante e também com uma adormecida criança em suas costas. Os nenês de outras mulheres, acordados, com seus inocentes e arregalados olhos evitavam a área cega das costas de suas mães, olhando o mundo de um lado e de outro lado. Então surpreendi-me vendo uma família de europeus buscando seu rumo em meio à multidão negra". – Wright, nesse ponto, indaga ao nacional que o acompanhava: – Eles são minoria aqui, hein Senhor Ansa? Teve como resposta, entre um riso, outra pergunta: – É bom às vezes não ser minoria, hein?

Porém, diferentemente de Wright, minha chegada à África deu-se em Dakar, em dezembro de 1974. Sobre esse evento, assim escrevi, um tempo depois:

4 - Império de Ghana, pela mesma razão que Bahia, o estado brasileiro.

O Senegal havia se tornado independente da França fazia pouco mais de uma década. Da língua francesa aos hábitos parisienses, a capital senegalesa mostrava-se como uma exótica Paris. Cafés com mesinhas à calçada, onde langüidamente se podia tomar **café au lait**, acompanhado ou não de uma garrafa de água mineral **Perrier** ou **Evien**. Sorver, descansadamente, uma **bière à la pression**, o nosso chopinho. Jantar, com garçons trajando a rigor, coisas triviais como **entrecôte grille avec pome vapeur**. Ou um **steack au poivre**, com azeite e pimenta preta moída na hora, pelo garçom, num longo moinho de pimenta. Regados com um legítimo (diziam, os eternos detratores, que cortado com vinho argelino) **Bordeaux**, ou um jovem **Boujolais**. No entardecer, era facultado aos olhos dos interessados, acompanhar o desfile de altas, bem vestidas e coquetes mulheres, envoltas em roupas tipicamente africanas, mas com corte e acabamento inspirados em costureiros da metrópole. As longas vestes, chamavam-nas, num jargão local, de *bubu*: um cafetã, que alcançava os pés, mas não escondia belos sapatos italianos ou espanhóis, era a base para inúmeras variações, na aparência, no estilo, na cor, enfim, na graça.

E, nos hotéis de luxo, como o complexo *Méridien*, *N'Gor-Diarama* ou o *Sunugal*, na ribeira de Dakar, podiam ver-se mulheres européias – comumente quarentonas, de flácidos seios à mostra –, com sumários monoquínis.”

Foi em Acra, do aeroporto de minha entrada no país ganês, após trespassar a burocracia da alfândega e ver-me na parte fronteira à gare de passageiros, que, como Wright, comecei a ver a África em primeiro plano. Diferentemente de Dakar, daquele momento em diante, e em cada dia que passou, mais e mais, **“havia vida negra por todos os lados”**. E havia uma sociedade que a meus olhos, diferentemente da capital do Senegal, estivera privada, enquanto colônia, da qualidade de vida que desfrutavam os colonizadores. Mas que fora capaz de, com o que lutou por conseguir, consolidar em escassos anos, uma qualificada mão de obra, capaz de administrar – com grandes dificuldades, registre-se – tudo o que o Estado havia avocado para gerir.

Quando cheguei a Gana, fantásticas obras haviam sido concluídas – passavam-se, então, apenas 17 anos da Independência. Akosombô era a barragem que continha as águas do Rio Volta para gerar eletricidade bastante para suprir toda a demanda do país. Linhas de alta tensão haviam sido estendidas de Akosombô até além das fronteiras do norte, levando eletricidade para pelo menos dois países vizinhos, Alto Volta e Daomé⁵. Takoradi, onde Wright desembarcara, deixara de ser o principal porto marítimo, cedendo lugar ao moderno complexo portuário de Tema, com o único dique seco da África, para reparo de navios. Era ligado à Acra por uma moderna auto-estrada. Funcionava um complexo para produção de alumínio, graças à energia de Akosombô – hotéis, do Estado, modernos, havia em Acra, o *Ambassador*, em Tema, o *Meridian* e, ainda, menores em Takoradi e Kumasi e Tamalê. Havia o *Bank of Ghana*, banco central do país, e um forte banco comercial, o *Ghana Standard Commercial Bank*, além dos bancos setoriais e de fomento, *Social Security Bank*, *Bank of Housing and Construction*, *National Investments Bank* e o *Agricultural Development Bank*. O transporte marítimo de longo curso era realizado pela empresa estatal, *Black Star Line*; assim como o transporte aéreo realizava a empresa, também estatal, *Ghana Airways*. Empresários nacionais, como Mankoadzi, administravam um complexo de pesca de atum, com uma poderosa frota e navios pesqueiros de alto mar e um sistema de industrialização do pescado. Ou Markofe, pioneiro na montagem de ônibus brasileiros e automóveis japoneses. A maior cervejaria era nacional. E sobretudo, elegante e funcional era a Universidade Lagon, nos subúrbios de Acra; úteis, como as politécnicas de Kumasi e Cape Coast, que despejavam jovens qualificados para a gestão do ousado projeto de Nkrumah⁶ de nacionalização de Gana. O grande projeto Nkrumah, antecede à Independência, pois foi escolhido Primeiro Ministro, ainda ao tempo da Costa do Ouro. Sua ação tinha por escopo, e ele

5 - Hoje, respectivamente, Burkina Faso e Benin

6 - Francis Kwame Nkrumah, em 1951 com a nova Constituição da Colônia da Costa do Ouro, elaborada pelos nacionais, é eleito Primeiro-Ministro. Segue na luta pela Independência, obtida em 1957. Segue como Primeiro-Ministro.

realizou em grande parte, criar empresas nacionais de grande porte, capazes de atuar em áreas essenciais e estratégicas, inexistentes no país – como as acima referidas.

E repetindo a frase de Wright, “vida negra por todos os lados”, ali se via além das ruas, no interior das instituições, “vida negra”: Entrava-se num banco – os balconistas eram nacionais. Havia um problema, os gerentes eram nativos. Em se chegando ao governador do Banco Central, este era um nacional. Os pilotos dos jatos da *Ghana Airways* eram ganenses – raramente encontravam-se comandantes brancos, mas, mesmo nesses vôos, o co-piloto era africano. Os professores universitários e das escolas técnicas, ganenses.

Na Dakar, ex-colônia francesa, a “vida negra” não era tão evidente assim. Nos bancos, em posições de hierarquia, lá estavam os franceses ou os “*pied noir*”, franceses nascidos nas colônias. Nos aviões da *Air Afrique*⁷, rara exceção – mas muito rara mesmo – era a presença de um piloto negro nas tripulações daquelas aeronaves. As atendentes eram africanas de fala francesa. As empresas comerciais, do centro de Dakar, ou eram de franceses ou de levantinos. Conheci uns poucos empresários africanos, que lutavam por um lugar ao sol, disputando espaço com o consolidado mundo empresarial francês.

Black Power, na edição que recebi, tem como introdução um ensaio de Amritjit Singh⁸, sobre o livro e seu autor. Assim ele externa sua opinião:

"Penso que Black Power é um dos mais ricos textos na tradição da literatura de viagens. Anos antes de V. S. Naipaul, Wright oferece um modelo que ainda merece atenção por seu detalhamento intrincado, seu sentido de drama, e sua honestidade sem compromissos em comunicar as complicadas respostas vindas do observador. Diferentemente de Naipaul, cujos livros de viagem tendem a ser brilhantes trajetórias de sensibilidades e teorias preconcebidas de sociedades completas ou "inacabadas", Wright encontra uma maneira de transcender suas reações pessoais e preferências ideológicas para incluir uma variedade de outras respostas à paisagem africana, sobre as quais ele mesmo tem sérias reservas".

E ele mesmo adverte na sua introdução, por outro lado, que:

Se, em meados dos anos 1950, Black Power, para muitos, era um livro difícil de aturar, permanece uma obra politicamente incorreta, mesmo em nossos dias. A mais, a abordagem que Wright faz a problemas de outras sociedades e culturas antecipa o intenso escrutínio ao qual essenciais epistemologias ocidentais e narrativas desenvolvimentistas têm sido submetidas em anos recentes. Ainda, Wright, com ênfase, rejeita versões tornadas exóticas ou romantizadas de outras culturas, para as quais muitos comentaristas do Ocidente, tanto de esquerda quanto de direita, continuam a subscrever. Enquanto Wright confronta o Ocidente com a disparidade entre a prática e a retórica de suas políticas, também desafia os africanos a assumirem o controle de seu destino, para através de uma luta disciplinada, enquadrarem-se no século vinte. Em seu entusiasmo à Fanon⁹, em criar novas e dinâmicas comunidades, Wright não consegue antever o perigo do desenvolvimento industrial tanto para as massas quanto para o meio ambiente".

Todavia, as pequenas descrições que me encantaram nas leituras anteriores, ali estavam,

7 - Consórcio empresarial que tinha como acionistas a França (majoritária), o Senegal e a Costa do Marfim.

8 - Professor de Rhode Island College, é natural da Índia, filho do Primeiro-Ministro Manmohan Singh, e advogado da American Civil Liberties Union.

9 - Presumo que se refira a Frantz Fanon, pensador que se opôs ao colonialismo, cujas obras colaboraram nos estudos da época pós-colonial.

como neste pequeno trecho:

Estávamos na Baía de Biscay e o navio era arremessado de um para o outro lado; e era bom, pois me fazia sentir estar realmente no oceano. Mares escarpados e navios balançantes nunca me deixaram enjoado. Sempre formei em minha mente a imagem do navio sendo lançado para a frente, tendo sua proa mergulhando tenaz no mar, fazendo jorrar borrifo e espumas, à medida em que avançava incontinente. Aí eu sabia que a popa tinha de se erguer, e neste mesmo instante, o grande navio iria se mover para a direita e eu podia senti-lo a se inclinar - via isto nos olhos de minha mente - e então, sentindo o peso da água do oceano resistindo e empurrando-o de volta para uma verticalidade, na qual se sustentava por um instante perigosamente balançando-se nas águas escorregadias, eu esperava que o navio inclinasse na outra direção, à esquerda. Eu tinha a certeza de que o mesmo movimento haveria de se repetir continuamente, com o que eu concordava, identificando-me com o navio e visualizando todos os seus movimentos como sendo necessários e naturais, mesmo quando o arremessar e o balançar acompanhavam-se um ao outro..."

No navio, Wright tornou-se companheiro de mesa de um ministro da Suprema Corte da Nigéria. Via-se aí, era o primeiro contato do escritor viajante com um africano, toda forma como ele iria se comportar no período em que esteve em Gana, no seu relacionamento com inúmeros africanos como aquele magistrado, que Wright assim o descreve, sentando na mesa comum:

"No jantar, eu observava o magistrado a ingerir seu germe de trigo, seus comprimidos de levedura, suas vitaminas e seus bastões de laxativo. Eu lutava contra uma simpatia oblíqua que despertava em mim aquele homem. Quanto a Inglaterra havia desfigurado sua alma! A verdade é que o magistrado estava vivendo num século errado. Seu avô escravizado, desesperadamente arrancou-se da servidão, ergueu-se acima do nível tribal, e, em assim procedendo, tornou-se parente de milhões de europeus e americanos do século dezanove que, valentemente, haviam derrubado o que restara do feudalismo. O magistrado ali, representava a vitória do iluminismo: ele podia ler, podia votar, era livre; mas era inflexível contra os anseios da nova geração¹⁰".

E por quê? Posto que, na mesa compartilhada, houve o seguinte diálogo¹¹:

"Você já pensou em desenvolver o seu país?" - Indaguei.

"Não; meu talento não se encaminha nesse rumo".

"Que profissões seguirão os seus filhos?"

"Direito e medicina." Respondeu, prontamente.

"E se um filho seu desejar ser engenheiro de minas?"

"Isto dificilmente acontecerá". Admitiu.

"É por isto que expulsamos os ingleses da América" - afirmei. "Excelência, tudo depende de quão livre você deseja ser. Eu não sou nem a favor tampouco contra os ingleses, mas se eu vivesse sob o mando dos britânicos e desejasse desenvolver e exercer meus direitos naturais e adquiridos, e esses me negassem, eu seria anti-britânico. Diga-me: o senhor acredita que as colônias americanas agiriam certo em obter sua independência?"

10 - Pg. 32.

11 - Pgs. 19 e 20

Ele sorriu entre dentes, me encarando.

"Não é a mesma coisa. Nós somos diferentes. Esses jovens na África desejam avançar muito depressa. Você e eu estamos em contato com o mundo ocidental há mais de dois, três séculos..."

"Se o senhor não fosse preto, eu diria que o senhor é um inglês. Em verdade, o senhor é mais britânico do que muitos ingleses que já encontrei", falei.

Reações sombrearam sua face; então, ele optou por rir.

"Eu sou inglês", afirmou.

"Mas o senhor não pode viver como um inglês", recordei-o.

"Como assim?"

Segue-se a Constituição Britânica em Serra Leoa?"

"Não; mas..."

"Por que não?"

"Ainda não estão prontos!"

"O que o senhor chama de pronto?" Estarão os povos civilizados e prontos para se governarem quando se tornam tão desesperados e põem uma faca na garganta de seus dominadores? Devem os governantes nativos de todas as colônias britânicas ser graduados de presídios?"

O magistrado esfregou seu queixo e sorriu entre dentes me encarando. "Mas isto não deve ir tão depressa", murmurou, obstinado.

"Quem medirá o tempo para esse desenvolvimento?", perquiri.

Hávamos chegado a um impasse. À medida em que comíamos, eu olhava por sobre seus ombros e ele fazia o mesmo. Éramos ainda amistosos, mas sabíamos que não poderíamos chegar a um ponto comum. Não era ideologia que nos apartava, mas, fundamentalmente, atitudes face à vida.

"Eu gosto dos americanos", ele disse, ao tempo em que deixava nossa mesa. "Havia um quê de melancolia em seus olhos."

A acolhida que Wright dava a seu companheiro de viagem, Mr. Justice, como o chamou ao longo de seu relacionamento, especialmente considerando-se que à sua frente estava um magistrado, interessado, obsequioso, gentil cavalheiro, e, sobretudo, um ente africano – em verdade era coerente com seu confesso conhecimento e preparo, consignado¹²:

"Eu vou de navio, se eu for", afirmei, acrescentando: "Assim terei tempo bastante para uma leitura sobre a história do país".

"Em torno à mesa do almoço do Sábado da Páscoa, delineei minha viagem. Desejava ver essa África que me propunha indagações tão agudas e fazia aparecer misticamente noções de coisas fabulosas e remotas, tais como: calor, selva, chuva, nomes de locais exóticos como Cape Coast, Elmina, Accra, Kumasi... Queria ver as

ruínas de castelos de escravos onde meus ancestrais haviam se prostrado em intenso desespero. Quanto mais eu pensava a esse respeito, mais excitado ficava, e ainda, não podia escapar de um vago sentimento de inquietude.

Desculpei-me e saí da mesa. Fui consultar a Enciclopédia Britânica e o verbete sobre a Costa do Ouro, que era vívido, repleto de perigosos répteis, ouro e diamantes. Havia apenas três parágrafos curtos sobre o povo que era descrito como parte da "raça negra". A Costa do Ouro ficava cerca de quatro graus a partir do Equador e era abundante em recursos minerais e rica na produção agrícola. Retornei à mesa."

Wright conclui a conversa na mesa, como quem está pronto, dizendo:

"Vou. Está decidido".

Neste ponto da leitura de **Black Power**, me recordei de seu livro autobiográfico, **Black Boy (American Hunger)**, assim:

Certa manhã de inverno, nos remotos dias de meus quatro anos de vida, lá estava eu sentado em frente à lareira, aquecendo minhas mãos sobre um montículo de brasas de carvão incandescentes, ouvindo o vento a assoviar do lado de fora da janela. A manhã toda, minha mãe estivera ralhando comigo, mandando que ficasse quieto, advertindo para que eu não fizesse qualquer ruído. Assim, eu estava zangado, rabugento e impaciente. No quarto próximo, vovó estava doente, sob cuidados de um médico, dia e noite; por isto, eu sabia que seria castigado se não obedecesse. Agitado, fui para a janela, e repuxei as longas e macias cortinas brancas – que eu era proibido de nelas tocar – fiquei olhando languidamente para a rua deserta. Sonhava correr, brincar e gritar, mas a nítida imagem do rosto da vovó, branco, enrugado e soturno, emoldurado por um halo desordenado de cabelos negros, repousando sobre um enorme travesseiro de plumas, deixava-me assustado.

A casa era silente. Atrás de mim, meu irmão – um ano mais moço – placidamente se entretinha sobre o assoalho com um brinquedo. Um pássaro sobrevoou próximo à janela, e eu o saudei com um alegre grito.

"Não faz barulho", disse meu irmão.

"Cala tua boca", respondi.

Minha mãe apareceu de inopino na sala e fechou a porta atrás de si. Dirigiu-se a mim de dedo em riste, sacudindo-o na minha cara.

"Pára com essa gritaria, ouviste", ela sussurrou. "Tu bem sabes que a vovó está doente e tens de fazer silêncio!"

Baixei a cabeça e envaretei. Ela saiu da peça, deixando-me doido e chateado.

"Eu te avisei", tripudiu meu irmão.

"Cala tua boca, repeti."

Fiquei a vagar sem rumo na peça, tentando pensar em algo para fazer, temeroso de minha mãe voltar, ressentido por estar sendo ignorado. O aposento não tinha nada de atraente, senão que a lareira; pus-me, enfim, ante as achas incandescentes, fascinado pelas brasas tremeluzentes. Uma espécie de novo desafio despontou em minha imaginação: por que não jogar algo no fogo e observar que queimasse? Olhei à minha volta. Havia apenas meu álbum de fotografias, assim que minha mãe iria me surrar se eu viesse a queimá-lo. Então o quê? Busquei em volta até que vi uma vassoura encostada num canto. Era aquilo... quem se iria importar com algumas palhas, se eu as queimasse? Apanhei a vassoura e removi um punhado de suas palhas. Lancei-as ao fogo e fiquei observando-as fumegar, tornarem-se negras, inflamarem-se e, finalmente, transformarem-se em tufos brancos fantasmagóricos a definhar. Queimar palhas era um divertimento instigante, assim que retirei mais palhas da vassoura e coloquei-as no fogo. Meu irmão se achegou a mim, seus olhos arrastados pela palhas em fogo.

"Pára com isto", disse.

"Por que?" indaguei.

“Vais queimar toda a vassoura!” “Fica quieto”, respondi.

“Vou contar”, contestou.

“E eu vou te bater!”

Meu projeto aumentava, florescia. Agora, eu pensava como iriam aparentar as longas e macias cortinas brancas, se eu colocasse sob elas um tufo de palhas. Eu teria coragem de tentar? Claro. Arranquei várias das palhas e segurei-as na lareira até que pegaram fogo. Corri então para a janela e coloquei a chama em contato com a bainha das cortinas. Meu irmão sacudiu com a cabeça:

“Não”, gritou.

Mas já era tarde. Círculos vermelhos devoravam o tecido branco; então, as labaredas irromperam. Chocado, recuei. O fogo elevou-se até o teto, e tremi apavorado. Em seguida, a peça iluminava-se toda em amarelo. Eu estava terrificado; desejava gritar, mas estava paralisado. Busquei em volta por meu irmão, mas ele desaparecera. A metade da peça agora estava em chamas. A fumaça me asfixiava e o fogo quase lambia minha cara, me sufocando.

Corri para a cozinha; a fumaça também ali estava. Logo após, minha mãe notaria a fumaça e veria o fogo e me espancaria. Eu havia feito algo errado, algo que eu não poderia esconder ou negar. Sim, eu teria de fugir e nunca mais voltar. Escapei da cozinha, entrando no quintal. Para aonde eu poderia ir? Ah, sim, sob a casa! Ninguém haveria de me encontrar ali. Engatinhei sob a casa, rastejando até base escura do chaminé de tijolos, aninhando-me num cantinho apertado. Minha mãe não iria me encontrar e castigar-me pelo que havia feito. De todo o modo, aquilo tudo fora um acidente; eu não havia tido realmente a intenção de pôr fogo na casa. Eu queria somente ver como ficariam as cortinas enquanto queimavam. Apesar de tudo, não me ocorria que me escondia embaixo de uma casa em chamas.

Richard Wright, já adulto, em tempos duros da Depressão, aproximou-se do Partido Comunista. Esta sua passagem em meio aos comunistas vai ter influência, também, em **Black Power**. Na Introdução, afirma Amrit:

*“Por seu conhecido histórico de relação com o Partido Comunista, seu editor compeliu-o a declarar sua posição atual política, já em sua nota prefacial de **Black Power**. Enquanto a nota clarifica a posição de Wright quanto ao comunismo e análise marxista, ela pode levar alguns leitores de hoje à errônea impressão de que o livro se interessa por temas que eram relevantes apenas ao tempo da Guerra Fria. **Black Power** é, sim, mais preocupado com tema do desenvolvimento básico, ausência que faz com que a África de hoje seja uma preocupação maior da comunidade global”.*

A leitura de outro trecho de *Black Boy*¹³, por certo ajuda a uma compressão de como se estruturava psicologicamente, o homem que viajou a Gana, lá esteve por breve período de um par de meses, e produziu **Black Power**. Lê-se:

“Tentando entender porque os comunistas odiavam intelectuais, minha mente retrocedia às histórias que havia lido a respeito da Revolução Russa. Existira, na Velha Rússia, milhões de pobres, povo ignorante que era explorado por uns poucos educados e arrogantes nobres - tornando-se, assim, natural aos comunistas russos associarem traição com intelectualismo. Mas existiu no mundo ocidental um elemento que confundia e aterrorizava o Partido Comunista: a prevalência de uma auto-adquirida alfabetização. Mesmo um negro, presa da violência e da ignorância - como eu fora -, pode, se tiver vontade e ânsia, aprender a ler e escrever, e compreender o mundo onde vive. Pois era esse tipo de gente que os comunistas não

conseguiam compreender. Os comunistas americanos, desfrutando legalidade, estavam usando métodos forjados pelo fogo subterrâneo do bolchevismo russo, e assim queriam ver os seus seguidores dispostos a aceitar aquela realidade, mesmo quando a verdadeira situação era diversa.

A herança da liberdade de pensar – da qual ninguém pode escapar, desde que tenha um mínimo de leitura –, o espírito da ética protestante, que alimenta as pessoas, por assim dizer, junto com o leite materno, essa energia autogerada que faz um homem sentir, quer se dê conta disso ou não, que tem de trabalhar e se redimir através de seus próprios atos, tudo isto era proibido, tabu. Contudo, tratava-se da essência da herança cultural que o Partido Comunista havia jurado levar adiante, completa e intocada, para o futuro. Mas o partido comunista não reconhece os valores que jurou preservar; o menor lampejo de qualquer liberdade de pensar ou sentir, mesmo que ajudasse o partido em sua missão, era o bastante para tornar alguém um suspeito, estigmatizando-o como perigoso traidor”.

Richard Wright chegou à África, era a manhã de 16 de junho de 1953. Na cronologia que faz parte do volume *Richard Wright, Late Works – Black Boy (American Hunger) and The Outsider*, da coleção *The Library of America*, assim está registrado este período de sua vida:

1953 – De junho a agosto, Wright viaja pela Costa do Ouro (então colônia britânica, com limitado autogoverno, mas após 1957 a nação independente de Gana) a fim de coletar material para um livro sobre a África. O navio faz uma breve escala em Freetown, Serra Leoa, na sua rota para Takoradi; daí viaja 272 quilômetros até Acra, seu destino. Tem encontro com o primeiro-ministro Kwame Nkrumah e outros membros do partido pró-independência, Convenção do Partido do Povo, bem como Osei Agyeman Prempeh II, rei dos achantis, além de outros líderes tradicionais. Excursionando, viaja para Cape Coast, Christianborg e Prampram; visita fortalezas do tráfico de escravos e suas masmorras. Viaja cerca de 4.800 quilômetros num carro alugado com motorista, movimentando-se de Koforidua até Mampong, e as regiões de Secondi-Takoradi até Kumasi. De um modo geral, Wright mostra-se fascinado pelos africanos, mas consolida-se em sua auto-visão, como um intelectual ocidental”.

Descreve seu encontro com Gana. Já havia posto seus olhos e seu corpo, na África, ainda que com brevidade, em Freetown, junto com o companheiro de viagem, juiz nigeriano:

“Vesti-me apressadamente e fui até o convés: uma cidade africana, sob uma colcha de uma névoa azul, espalhava-se à minha frente. O calor era pesado, próximo, úmido; e a cidade – Takoradi – fervilhando, com atividade, mesmo àquela hora, cedo. No cais havia uma floresta de guindastes, gruas, galpões, máquinas e, examinando bem, podia ver que estavam todas sendo operadas por negros – fato que deve haver produzido uma dor no coração do doutor Malan¹⁴, da África do Sul – ele que jurara serem os negros incapazes de fazer tais coisas”.

Como já assinalado neste ensaio, Wright transpôs a alfândega de Takoradi – emocionalmente, deu a impressão – adentrando a África que resolveu conhecer. Então, constatou, *vida negra por todos os lados*, ali estava.

14 - Daniel François Malan, primeiro-ministro da África do Sul, quando da introdução oficial da política da apartheid.

VIDA NEGRA POR TODOS OS LADOS

Havia já um par de anos que eu freqüentava, quando em Acra, a muito encontros sociais, ou simples reuniões de homens, que meus amigos me conduziam. Os fins de tarde, na sala do *managing director*, reverenciado MD, entre os subordinados – costumava acolher um pequeno grupo de amigos desse, em torno a garrafas de cerveja. Aliás, num hábito muito peculiar, uma garrafa de cerveja, dessas de 750 ml, era depositada, bem gelada, à frente de cada um dos convivas. Era como a entrega de um bem individual. Cada um tomava, apenas, de sua própria garrafa, que ia despejando, na medida do consumo, no seu copo. Sempre estranhei o hábito, mas nunca procurei interferir, mesmo que o clima local fizesse a bebida posta gelada à mesa, logo após o primeiro copo, tornar-se morna. Mas assim era o hábito. Vou procurar me recordar, já tantos anos se passaram, um de nossos encontros de fim de tarde, listando os convivas: O MD, Edward Afriyie; o MD substituto, Maxwell Badu; o legal officer, Joe Lamptey; o diretor-financeiro, J. E. Ababio; o presidente do Conselho Diretor, general Addo. Era convidado ocasional, Sam Botchway, governador do Banco de Gana. Era uma reunião típica de homens, onde falávamos de coisas da atividade profissional dos presentes; conversávamos sobre história recente do país, com as repercussões nos problemas da atualidade de então; de mulheres... e bebíamos muita cerveja local, do tipo lager.

Eu era o Kofi brasileiro. Amigo de todos os presentes, alguns se tornaram tal à medida em que ingressavam no círculo do fim de tarde. Falava apenas Inglês – não compreendia qualquer dos idiomas e dialetos locais. Sequer o *twi*, que todos diziam era o mais fácil de compreender e falar, por ser uma espécie de língua franca em Gana.

Assim, este grupo heterogêneo de homens, vinha de muitas das nações que formaram o Estado de Gana – achantis, fantes, gãs, nortistas – e se entendiam bem em *twi*. Era, pois, comum que nessas reuniões que duravam em torno a duas horas, depois de algumas garrafas de cerveja, nos interagir entre si, o fizessem com a fluência natural, usando sua língua franca. Ou, mesmo, nos casos de haver mais de um da mesma etnia, digamos, dois achantis, ou dois dagombas, falariam em sua língua com naturalidade, por se sentirem bem assim – por ser natural. Esqueciam o idioma do colonizador, o Inglês, seguramente esquecendo-se, sem qualquer preconceito ou maldade, que o Kofi brasileiro não estaria entendendo nada do que naquele instante falavam. Aliás, não foram poucas às vezes em que visitantes *en passant* nas reuniões, a mim se dirigiram em seu idioma, por simples impulso natural: ali estava um negro como ele, por que seria um estrangeiro, incapaz de falar sua língua? Geralmente, quando isto ocorria, um dos habitues interferia, jocosamente, alertando o novato de que Kofi não estava entendendo nada.

Atendi a funerais, com grande aglomeração de pessoas, parentes do amigo que me levava até sua vila natal. Da mesma forma a casamentos e festas de iniciação, ritos de passagem. Ia ao *bush*, como diziam – ao mato, ao interior. Portanto, ali estavam pessoas que não falavam Inglês. E que não podiam pensar estar ofendendo ao visitante, por estarem a falar a língua única que sabiam usar.

Foi meu amigo, J. W. S. De Graft Johnson, um professor de engenharia na Universidade de Cape Coast, que se tornaria vice-presidente de Gana. Como poucos, nos dávamos bem. Tínhamos a mesma idade e gostos parecidos. Num golpe-de-Estado foi deposto, preso, humilhado e enfim exilou-se na Inglaterra. Johnson proporcionou trocarmos inúmeros momentos de amizade, mas assinalo dois: Quando vice-presidente, visitou o Brasil, num programa que coordenei, em cooperação com a Divisão África do Itamaraty e as Embaixadas de Gana, chefiada por outro bom amigo, o embaixador Vishnu Kofi Wasiamal, e do Brasil em Gana, o diplomata sisudo, mas eficiente e colaborador, embaixador Lily Tarris da Fontoura. O outro, quando do encerramento de viagem ao Brasil, levou, na volta, no avião presidencial, meu filho Eduardo, para ficar certo período em sua casa, e conviver com seus filhos de mesma idade. Johnson era político. Quando em Gana, me levava aos mais improváveis locais, em seus contatos com lideranças políticas, amigos, empresários que o ajudavam, enfim; e qual meu amigo Collares, aqui, era um carente, permanente, de companhia. Pois nesse seu universo de contatos minha presença, comumente, era mera ostentação, um símbolo qualquer, pois ele me apresentava como um amigo do Brasil, e depois conversava

com seus constituintes em *twi*. E, honestamente, isto nunca me incomodou. Tentava aprender o linguajar; aos poucos ia pescando algumas idéias, pois o *twi* é intensamente misturado com palavra inglesas. Saíamos dos encontros e, no carro, em Inglês, retomávamos aos assuntos que nos ligaram por muitos anos.

Assim, Inúmeros eram os encontros que se deram em meio a políticos e empresários locais, com minha presença – o *twi* nunca me incomodou, afinal quando era para falar coisas que me interessavam ou que meus anfitriões julgavam devesse ser compartilhado por todos, cortesmente falavam em Inglês.

Eu poderia dizer que, em situação igual, Wright reagiu de forma diferente. Todavia, no contexto que expus e que no que se segue, na manifestação do americano, nossas experiência são desiguais: eu estava entre amigos, via de regra, pessoas que já conhecia havia uns pares de anos. Wright recém chegara a Gana, e trazia, a mais, a sempre geradora de cuidados, imagem de quem escreve para outros lerem. De quem externa opiniões. Daí, quem sabe, o que registrou, a seguir:

Sentei-me no automóvel com o Primeiro-ministro e partimos em direção aos subúrbios. Uma névoa azulada pairava sobre pedaços verdes da floresta. Muito do que falavam ocorria em suas línguas nativas, e pareciam não se incomodar com o fato de eu não poder entender o que estavam dizendo; podia ser que assim agiam de forma que eu não os entendesse... Eu tinha a impressão de que alguns deles me viam como um estranho que poderia vir a desdenhar de seus hábitos, suas maneiras, suas atitudes. Descobri o africano como um oblíquo, pessoa difícil de conhecer que parecia assumir uma espécie de orgulho infantil, ao tentar criar um estado de encantamento na mente dos estrangeiros. Somente uma pessoa que, ela mesma, haja sentido esse encantamento na presença de estranhos poderia ter colocado tão alto e falso valor sobre isso. Parece sentirem que, aquilo que não me contam, eu jamais iria saber. Mas não há nada de mais errado do que pensar assim.

Richard Wright é apresentado a Kofi Baako, a quem Nkrumah se refere como seu “braço direito”. Baako faz uma ampla exposição sobre a luta pela Independência, que, no capítulo XI, sucintamente é apresentada. Ao fim, Wright assevera:

Após o senhor Baako haver saído, admirei-me de como, num salto histórico, a Costa do Ouro Africano rompeu suas cadeias. Embora suas condições e vida fossem difíceis, oprimida pelo feitiço e a superstição, ela enfim alcançaria a liberdade, posto que determinada e obstinada...

Na conclusão desse parágrafo, cuja narrativa centrava o aspecto mais importante de sua viagem a Gana – compreender a Independência – num aposto explicativo, Wright fincava a baliza da incapacidade que teria de encarar a questão África: **“oprimida pelo feitiço e a superstição”**, escreveu. Revela-se aí sua formação ocidental, e ancorada nas suas origens de negro americano, nascido e criado no profundo Sul. Ali, onde o que de pior em aviltamento dos escravos e seus descendentes ocorreu. Ali onde os negros buscaram, na empírica leitura bíblica, conforto para sua via-crúcis, nos campos agrícolas e, por decorrência, formaram uma estrutura social arrimada nesses valores bíblicos, especialmente, os decorrente do livro do Rei Jaime I. Esta postura incrustada na sua comunidade, na sua família, nos seus pais, em si mesmo, não importa quão contestador fosse se revelando, estava presente na avaliação que Wright fazia daquele mundo que se apresentava de forma repentina, intensa e incompreendida.

W. E. Ward, que em 1935 lançou seu livro *“A Short History of the Gold Coast”*¹⁵, e é citado por Wright como uma de suas obras de referência, assim descreve o nascimento na Nação Achanti, a mais importante daquela região que viria a ser a atual Gana:

“O início da Nação Achanti em verdade data do aparecimento do Trono de Ouro. Uma sexta-feira, prossegue a história, Akomfô Anokyê ordenou uma grande reunião de seu povo, da qual participaram Osei Tutu (o rei), Manu (a rainha-mãe), e muitos outros. Então, veio dos céus, em meio à densa fumaça, escuridão e trovões, um trono em madeira, parcialmente coberto de ouro. Akomfô Anokyê informou ao rei que o trono havia vindo de Onyame, o ser supremo, e contém o espírito de todo o povo achanti.”

Ward, numa nota de rodapé, faz o seguinte esclarecimento, relevante no contexto deste ensaio:

Esta é mais outra história como aquela de outras nações que emergiram de buracos na terra. Eu não acredito em todos os detalhes da magia de Anokyê. Todavia, não vou seguir o caminho fácil de dizer que não existe ali uma palavra sequer verdadeira. Não sei o quanto acreditar, assim recolho a história pelo que ela vale. Seria uma pena simplesmente perdê-la.

Richard Wright, quase obsessivamente, corrigia qualquer pessoa que o chamasse de doutor, um substantivo usado ali como adjetivo, pois qualificava a quem ou era diferente, morava em casas elegantes ou hospedava-se em hotéis, ou, ainda, simplesmente usava terno e gravata, no figurino do povo dominador, mesmo sendo também negro. Richard igualmente aparentava sentir-se bem, informando que não possuía qualquer curso superior. Era, um *self made man* na literatura. Mas, óbvio, mesmo sem currículo universitário, passara grande parte de sua vida lendo – e lendo livros da cultura ocidental. Sem religião, entretanto, carregava a cultura de família, dos negros protestantes do Sul de seu país. Portanto, arrimado em uns poucos livros sobre o continente e a gente, seus parentes distantes, iria aos trancos e arrancos conviver daquele instante em diante com a gente de Gana. Anos adiante, Ryszard Kapuściński, escreveria¹⁶:

Certa tarde, antes da minha partida de Goréia, recebi a visita de Jarda, um colega correspondente checo a quem conheci no Cairo. Ele viera também para Dakar por causa do Festival Mundial das Artes Negras. Passamos horas visitando exposições, esforçando-nos para adivinhar o sentido e a razão das máscaras e estátuas dos bambaras, dos macondes ou dos ifes. Para nós, todas tinham um aspecto ameaçador. Vistas à noite, sob a luz cintilante de fogueiras e tochas, elas nos atormentavam e aterrorizavam.

Estávamos conversando sobre a dificuldade de escrever concisamente a respeito da arte negra num artigo pequeno, em poucas palavras. Lançados num outro mundo, até então desconhecido para nós, éramos incapazes de traduzir aquilo que víamos usando apenas nossas concepções e o vocabulário que tínhamos à nossa disposição.

15 - *Breve História da Costa do Ouro*, edição de Longmans, Green and Co., 1956.

16 - Em *“Minhas viagens com Heródoto”*, páginas 284 e 285.

Cientes desse problema, a sensação era de completa impotência.

Se tivéssemos vivido na época de Heródoto, Jarda e eu seríamos citas, pois esse foi o povo que habitou a parte da Europa em que nascêramos. Montados em cavalos velozes que tanto encantaram os gregos, estaríamos galopando alegremente pelos campos e florestas, disparando flechas de arcos e bebendo kumys. Heródoto se interessaria por nós; nos faria perguntas sobre nossos costumes e crenças, sobre o que comemos e com o que nos vestimos. Depois, descreveria detalhadamente como, depois de atrair os persas para a armadilha do rigoroso inverno e do frio implacável, derrotamos o seu exército, e como o grande rei Dario, perseguido por nossos cavaleiros, mal conseguiu escapar com vida.*

E Wright:

Pasmo, assim eu estava ao ver as mulheres nuas até a cintura; seus seios espichados, flácidos, bravios, movimentam-se qual um abano, num andamento circular com seus corpos, uma espécie de esquisita dança de arrastar pés, que expressava sua alegria numa quieta forma corporal. Era como se elas falassem com o movimento de suas pernas, braços, pescoços e torsos; como se palavras não mais fossem adequadas como forma de comunicação; como se sons não mais pudessem aproximar seus sentimentos, como se apenas o total movimento de seus corpos por inteiro pudesse indicar em certa medida sua aquiescência, sua entrega, sua aceitação.

Então veio à mente: Eu vira antes, sim, essas mesmas danças de serpente, danças de guinadas... Mas onde? Claro! Na América. Em igrejas de vitrina, nos tabernáculos de Santa Fé Extática, nos Templos de Deus, nas reuniões nas casas rústicas de oração nos bosques, nas plantações do profundo interior sulista... Pois aí estava eu, assistindo tudo novamente, contra o pano de fundo de um nascente movimento político nacionalista! De que jeito?

Quando me decidi vir para a África, eu não sabia o que encontraria, o que veria; passava em minha mente a dúvida - seria apto a adentrar a casa cultural africana e me sentiria em casa e assim saberia nele me movimentar. A mais, o que eu estava agora a olhar nessa dança das mulheres poderosamente improvisada eu já havia visto na América.

Jamais em minha vida eu havia sido capaz de dançar mais do que uns poucos e elementares passos, e o acompanhamento da mais simples música sempre esteve muito além de minha capacidade. Assim, o que me maravilhava com relação à dança dos negros nos Estados Unidos, agora me maravilhava da mesma forma na África.

Sempre argumentei que o negro americano, pelo que passou nos Estados Unidos, foi alterado em sua essência; sua percepção foi preenchida com um novo conteúdo, de que qualidades "raciais" eram senão mitos de mentes preconceituosas. Assim, se isso for verdade, como explicar aquilo que estava vendo? E o que estava vendo era a duplicação perfeita daquilo que vira por muitos anos nos Estados Unidos.

Não encontrei uma resposta para tal questão, naquela tarde, enquanto observava

a paisagem através da janela do carro do Primeiro-ministro. Mas a questão foi inserida firmemente em minha mente; entronizada aí tão solidamente que não me deixaria em paz até que tivesse, pelo menos para minha satisfação, resolvido o enigma do por que os negros conseguiram reter, apesar de vasta distância, medida em séculos, e a imposição de culturas alienígenas, tais básicos e fundamentais padrões de comportamento e resposta.

Rodamos através de multidões festivas. Sempre que o automóvel diminuía a velocidade, rostos negros, excitados e rindo, dentes brancos à mostra, jogando suas cabeças para trás, se aproximavam, encostando às janelas e dando vazão ao grito:

"Free - doooooom!"¹⁷

Todavia, minhas emoções preocupavam-se com outro problema. Em que medida sou parte disto? Quanto eu era parte disso, quando assisti isto na América? Por que isto não me toca? Por que este particular, desajeitado embaraço quando eu tentei dançar ou cantar? Respostas para essas questões não vieram até que eu viesse a penetrar fundo na floresta africana... Íamos adiante. As multidões surgiam, dançavam, cantavam e gritavam, mas eu pensava em minha mãe, meu pai, meu irmão... Eu estava sinceramente inebriado ante o que via; em mim, não havia rejeição ou reprimenda; não havia nem alegria nem tristeza, eu estava simplesmente estupefato. Seria possível que me estava a olhar rindo, dançando, cantando, gingando com as cadeiras para expressar alegria...? Eu me havia fechado para tudo isto? Então, por que quando criança tentei cantar, não consegui? Por que minhas mãos e pés, a vida toda, não conseguiram marcar o compasso? Era inútil dizer que eu me inibi, posto que minha incapacidade de executar coisas tão simples pôs-se à frente de qualquer desejo, consciente ou não, de minha parte de fazê-lo. Eu teria desejado, eis que fora sempre parte de meu meio, mas eu nunca conseguira!

A Edward Afriyie, um bom amigo de Gana, informei que havia lido **Black Power**. Tomei a iniciativa entusiasmado pelo fato de haver encontrado a participação no livro, de um Kwame Afriyie. Indaguei-lhe se era seu parente. Sim, era o seu irmão mais velho, que falecera havia três anos (2004). Copiei o capítulo treze do livro e mandei-o pela internet, para que compartilhasse comigo a alegria de ver seu irmão registrado num livro, como parte daquele processo que havia levado à Independência da Costa do Ouro.

Edward Afriyie respondeu-me assim:

Dear Kofi

Minha reação ao livro **Black Power** é de que eu deva, talvez, ler o mesmo por inteiro e então dar minha impressão. Isto por que eu li certa feita à resenha de um livro sobre o Brasil. Naquela oportunidade, eu ainda não havia estado no Brasil. A resenha falava de tantas coisas ruins que eu simplesmente a queimei. O mesmo sentimento tive sobre **Black Power**. Em Gana, nos anos 1950, as pessoas em geral sequer poderiam imaginar que dois homens caminhando juntos seriam homossexuais. Esta, porém, foi a visão que esse homem teve. Apenas isto, fez-me colocá-lo à parte como alguém que optou por mostrar somente coisas ruins. Uma vez que não li todo o livro para ter um julgamento justo, não posso nada opinar por ora.

Eddie

Em verdade, no bilhete junto à cópia das páginas do capítulo treze, em momento algum pedia a opinião de meu amigo sobre um livro que, possivelmente, ele não houvesse lido. Entusiasmado, eu estava enviando-lhe o registro da participação de um Afriyie, que era sim seu irmão mais velho, num livro que registrava fatos históricos, quando da Independência de seu país.

A resposta de Eddie, todavia, mostrava o rastro de mágoa que **Black Power**, deixara no país que acolhera seu autor; que Wright registrara, de certa forma, nas palavras de uma das muitas pessoas relevantes que o receberam, diga-se de passagem – todas com o pé atrás. Foi a senhora Hannah Cudjoe, secretária para Propaganda, da Divisão das Mulheres, do CPP¹⁸, durante uma conversa, autorizada pelo Primeiro-ministro, com Wright. Este escreve¹⁹:

Tive, literalmente, de arrancar palavras da senhora Hannah Cudjoe, tão cautelosa se mostrava; finalmente, disse-me sem rodeios:

"Você sabe, nós, os negros, temos de ser cuidadosos. Não temos muitos amigos. Todos desejam ferir-nos. Eles vêm aqui e sorriem para nós; então vão embora e caçoam de nós..."

Mas Wright explica, na sua visão, essa desconfiança²⁰:

Tão freqüentemente os africanos têm sido ludibriados que a desconfiança foi inserida no âmago de seu pensar. Eu podia sentir a desconfiança da senhora Hannah Cudjoe quanto a mim; e vinha de nenhum motivo específico, era genérico. Eu era um estranho, um estrangeiro, e, assim, alguém com quem teria de falar, cautelosamente. Com medidas palavras. Desconfiança estava por todo o lugar, antes mesmo de que um fato concreto ocorresse a justificar tanto. Um estranho confrontando a um africano e percebendo essa desconfiança tenderá a reagir a isso; e o africano começará a sentir-se defensivamente desconfiado. Suspeita gera suspeita; ele tenderá a buscar subterfúgio; questionará mesmo uma frase de elogio. Assim, sem suporte numa realidade próxima, ambos os lados passarão a olharem-se belicosamente, buscando intenções ocultas, nas mais inocentes assertivas. Ao fim, aquilo que se iniciara como uma estranha apreensão da cautela africana, acabará numa desconfiança inventada do nada, trazida magicamente de lugar algum. Este medo, esta suspeição de nada em particular veio a tornar-se a mais previsível estampa da mentalidade africana que encontrei em toda a Costa do Ouro, desde o Primeiro-ministro até a mais humilde "mãezona" a vender kenkê, nas esquinas...

O caso que indignou meu amigo Afriyie, da homossexualidade, pode ser avaliado pela leitura textual do que registrou Wright, assim²¹:

Uma tarde, acompanhei um jovem, educado nos Estados Unidos, a uma reunião dançante numa arena ao ar livre, a Weekend in Havana. A especialidade desse estabelecimento, como todos os locais de dança na Costa do Ouro, era uma dança meio indolente e sonâmbula, chamada High Life. Curiosamente, mesmo aqui, eu notara a tendência dos africanos de segregar os sexos. Pequenos grupos de mulheres – todas vestindo roupas européias nesses encontros sociais – mantinham-se juntos. Fui informado de

18 - CPP, é a sigla em inglês de Convention People's Party, ou Convenção do Partido do Povo, que será sempre referido neste ensaio como CPP.

19 - Pg. 112-113

20 - Pg. 112

21 - Pg.119

que esse evitar o sexo oposto era senão uma extensão dos rituais tribais da vida familiar africana. No lar, homem e mulher dormem sob tetos diferentes e se alimentam separadamente, mesmo sendo casados. E tão arraigados são esses hábitos, que mesmo não participando de atividades não africanas, tendem a manter seus tradicionais padrões de comportamento. Talvez isto os faça sentirem-se mais à vontade, acalmando qualquer sentimento de culpa por abandonar seus rumos tradicionais...?

Obriguei-me, num gesto de cortesia para com meu anfitrião, a observar a dança. Nada podia ser mais fastidioso para meu temperamento do que tais espetáculos. Sentei-me, com um sorriso de máscara em meu rosto, bebericando de uma garrafa de cerveja, desejando estar noutro lugar. Eu havia visto danças melhores e mais animadas entre os negros do Harlem de Nova York e do lado sul de Chicago. Todavia, posto que esperavam que eu poderia assistir africanos a demonstrar que podiam imitar europeus e americanos, julguei melhor mostrar estar interessado.

Então, meus olhos registraram algo que, instantaneamente pôs-me em estado de alerta. Dois jovens caminharam devagar através da pista de dança, cada um com seu braço ternamente à volta da cintura do outro, os olhos mostrando uma feliz, enlevada, mirada... O que é isto? Terei julgado mal a aptidão africana de assimilação de capacidades emocionais do Ocidente? Quem sabe esses dois jovens eram de Oxford ou Cambridge...? Mas não tinham essa aparência. Tive vontade de indagar a meu anfitrião sobre o que estava vendo, mas temi poder ser indelicado. Mas, mesmo reprimindo minha curiosidade, os dois jovens deslizaram graciosamente para a pista de dança e movimentaram-se com toda a sexual gestualidade de um casal misto buscando o ritmo da música. Novamente, me contive, não desejando ingressar de forma tão abrupta em matéria tal, com um povo cuja reação eu não poderia prever. A mais, eu era um estranho, numa terra estranha. Sentei-me quieto, admirando. Havia os ingleses trazido a homossexualidade para a África? Assim como os africanos haviam aceito imoderadamente o álcool; haviam assimilado isso também? Então fiquei ainda mais espantado ao ver outros dois jovens, mãos dadas, caminhando suavemente através da pista de dança, se encaminhando, parecia, para o bar. Uma profunda, calma, intimidade, parecia existir entre eles. Era mais uma evidência desse inocente instinto que eu havia antes observado? Não podia mais conter minha curiosidade. Inclinei-me na direção de meu anfitrião e sussurrei:

"Ei. O que é isso?"

"Não estou entendendo". Afirmou; mas notei algo irônico em seus lábios, enquanto reprimia um sorriso.

"Se estivesse ocorrendo em Nova York o que estou vendo aqui, a polícia viria logo em seguida para fechar e pôr todo mundo na cadeia..."

Meu amigo gargalhou.

"O que você pensa que está vendo?" Perguntou.

"Penso estar vendo comportamento homossexual sem barreiras". Disse, mansamente.

"Mas não," ele acrescentou, sem emoção.

"Então, o que estou vendo?"

"Você está vendo a algo bonito; jovens tribais varonis que gostam de dançar." Foi sua explicação num tom, de alguma forma, indiferente.

"Olha aqui, eu não sou moralista; não me importo com o que eles sejam." Eu disse. "Mas quero ter certeza".

"E não estou fazendo qualquer defesa moral dos jovens da Costa do Ouro." Afirmou. "Mas você não está vendo nenhum ato de homossexualidade. Olha, eu trouxe você aqui para ver isto. Eu poderia ter chamado a sua atenção para isto; mas esperei que você notasse..."

"Como é que eu não veria isto?" Indaguei-lhe. "Bom, mas por que eles agem assim?"

"É um tanto complicado." Meu anfitrião fez uma exposição, enquanto a música se espalhava por todo o ambiente. "Esses jovens são ainda basicamente tribais. Eles falam em inglês, vão à escola, à igreja e trabalham, talvez, em escritórios de europeus. Agora, na dança tribal, homens dançam com homens e mulheres com mulheres, ou dançam todos juntos, ou cada um sozinho, se assim desejar... A dança tribal não

é exclusivamente sexual. Às vezes eles dançam para uma divindade, para agradá-la, para cortejá-la, para dizer-lhe algo. Às vezes dançam para um agradar ao outro. Há muito habituados a esse dançar os torna, quando dançam em público ritmos ocidentais repletos de sensualidade, ainda seguir seu condicionamento tribal. Não há homossexualidade aqui. Na maioria das danças tribais os homens estão acostumados a tocar e segurar as mãos de outros homens; não pensam em nada disso; e ficarão moralmente chocados, agredidos, se pensarem que você viu algo de perverso em seu agir. Assim, você tem aqui uma estranha síntese de elementos aparentemente díspares - jovens dançando juntos, abraçados ardentemente, mãos dadas, sem pensarem em sexo. São irmãos”.

“Entendo.” Afirmei.

A cada instante, eventos me levavam a ter a África como um outro mundo, uma outra esfera do ser. Para isto tornar-se natural para mim, eu teria de passar a aceitar, em pensar, todo um novo conjunto de suposições. Intelectualmente, havia compreendido claramente a exposição de meu anfitrião, quanto a jovens gostarem de manterem-se de mãos dadas e dançarem juntos; todavia, a visão disso me causava um sentimento de inquietação em níveis de emoção mais fundos do que eu poderia controlar.

Mais tarde, nessa noite, os ritmos aos poucos foram ganhando o padrão africano. Os tambores, na orquestra se sobressaíram, com seu pulsar selvagem. Em torno às duas horas da madrugada, havia poucos casais mistos na pista - na maioria, os presentes dançavam sozinhos, com olhos semicerrados, lábios entre abertos, a mão direita sobre o coração, como se enlevado na pura satisfação do movimento físico. Presumivelmente, cada um estava dançando para si mesmo ou quem sabe para um amigo ou divindade que sentia próximo de si ou para seja quem desejasse observar seu êxtase. O africano parecia sentir que sempre que experimentasse algo vital, teria de compartilhar; sua alegria tinha de fazer gerar felicidade em outrem, ainda que esse outrem fosse invisível. Parecia ser para inalcançáveis à vista ou ao toque, às vezes, que o africano desejava falar, apelar, confiar. Havia em si um aspecto de outro mundo, mesmo quando dançava sensuais músicas de jazz; dava a impressão de estar permanentemente viciado a uma forma de físico lirismo. Falava com movimentos corporais, protestava com a higidez de seu pescoço, discutia usando as pernas, persuadia com seus braços, dizia sim com suas cadeiras, e não, com uma lenta ondulação de sua cabeça.

James H. Cone, professor de Teologia, num ensaio intitulado **“The Gospel and the Liberation of the Poor”**²², muito posterior aos dias de Wright, vê, na igreja dos negros americanos, o conteúdo da explicação do anfitrião de Wright que esclareceu “ a dança tribal não é exclusivamente sexual. Às vezes eles dançam para uma divindade, para agradá-la, para cortejá-la, para dizer-lhe algo”. Escreveu Cone:

A presença do Espírito Santo em meio às gentes é uma experiência libertadora. O povo negro que é humilhado e oprimido pelas estruturas da sociedade dos brancos seis dias por semana, reúne-se cada domingo pela manhã a fim de experimentar um outro parâmetro de sua humanidade. A mudança do sábado para o domingo não é apenas uma alteração de calendário do sétimo para o primeiro dia da semana. Mais que isto, trata-se de uma ruptura no tempo, um evento Kairós²³ que produz uma transformação radical na identidade das pessoas. O porteiro se transforma em presidente do Conselho de Diáconos; a empregada doméstica assume a chefia do Conselho das Governantas. Todos passam a ser chamados de senhor e senhora, irmão e irmã. O último transforma-se no primeiro, provocando uma mudança radical em Nova York.

22 - A íntegra da tradução pode se lida em <http://www.dacostaex.com/pcd.html>

23 - Encontro dos paroquianos em evento especial, nas igrejas protestantes.

Todas as pessoas tornam-se um alguém, e elas podem reconhecer essa sua nova identidade pela maneira como caminham ou falam e "se portam". Caminham com o ritmo de uma certeza de quem sabe para onde está indo; falam como se soubessem a verdade a respeito do que dizem. É essa experiência de ser radicalmente transformada pelo poder do Espírito que define a base do estilo do culto dos negros. Essa transformação é encontrada não apenas nos títulos de diácono, governanta, conselheiro e padrinhos de casamento, mas também em toda a excitação da congregação durante o culto. Estar no fim dos dias, quando a alguém foi dado um novo título exige uma resposta apaixonada com o sentimento do poder do Espírito em seu coração.

No ato de veneração em si, a experiência de libertação se torna um formador da existência da comunidade. Nesse contexto, libertação não é exclusivamente um evento político, mas também um acontecimento que envolve a consumação do tempo e da história. É a força do Espírito de Deus invadindo a vida do povo, "erguendo-os quando estão por baixo e sustentando-os quando estão por tombar". Quando cantam com precisão uma música e o sermão é dado em resposta ao Espírito, as pessoas experimentam a presença escatológica de Deus em seu meio. Libertação não é mais um evento por ocorrer, mas um acontecimento que se dá naquele encontro do culto. Pois as pessoas afirmam que "se você não acrescenta nada ao serviço dominical, por certo você não obterá nada dele". O culto dos negros exige envolvimento. Às vezes, uma irmã não pretende participar tão apaixonadamente, mas antes que ela se dê conta do que está acontecendo, "uma pequena chama começa a arder e uma rodinha²⁴ de reza começa a girar em seu coração". Em resposta ao Espírito e sua presença libertadora, ela começa a mover-se com a força do Espírito. Quando e como ela se agita depende da forma como o Espírito toca em sua alma e a acorrenta à dinâmica do ritmo da comunidade em reza. Ela pode acusar o recebimento do Espírito com uma música.

Toda vez que sinto o Espírito
Agitando o coração, vou rezar.
Toda vez que sinto o Espírito
Agitando o coração, vou rezar

Lá do alto, meu Senhor falou
De sua boca, fogo e fumaça
No vale a meus pés
Implorei: Senhor, tenha pena, sim.

Toda vez que sinto o Espírito
Agitando meu coração, vou rezar...

A música é a única resposta possível à presença do Espírito. O Espírito de Deus pode também mover uma pessoa a pregar, rezar ou testemunhar. "Creio que vou testemunhar aquilo que Deus fez por mim" é uma resposta comumente ouvida nas igrejas dos negros. Mas mais freqüente que a presença do espírito evoca aquilo que W. E. B. Du Bois chamou de "Frenesi"²⁵ e que o povo chama de "grito", que não se refere ao som, mas ao movimento corporal. "Quando o Senhor está pronto", as pessoas afirmam, "você tem que se mover", isto é, "deve levantar-se e fazer com que todos saibam que você não tem vergonha de ser visto como filho de Deus".

Nós ocidentais, usando a palavra no sentido em que Wright usa em seu livro, temos um quê a rotular comportamentos estereotipados. Assim, qual o autor de **Black Power**, deparei-me com um personagem que assim descrevi num de meus textos:

24 - Ezequiel (1.16) viu a roda, e essa passagem está em muitos spirituals.

25 - A religião dos escravos pode ser caracterizada em três pontos: o Pregador, a Música e o Frenesi". Em "As Almas do Povo Negro", disponível em www.dacostaex.com, na íntegra, em Português.

"Também no grupo, maneiroso, movendo-se como uma dama afetada; falando com mesuras e animando trejeitos no olhar, Francis Kwakú seria no Brasil considerado fresco. Diriam, numa roda de homens, exatamente como aquela na Casa do Embaixador, que ele "tem toda a ferramenta, e se não a usa é porque não quer".

— Há lugar, na vida da tribo, para pessoas como ele. Existe toda uma série de tarefas que sabem executar com proficiência. Nasceram com alguns dotes que o comum dos homens não possui. Especialmente na performance de momentos marcantes da comunidade, como em alguns dos ritos de passagem: o nascimento, o tornar-se adulto e, por fim, a morte. São respeitados como o é um feiticeiro. Em muitos casos são auxiliares do feiticeiro e executam trabalhos similares a este. Não são homossexuais, ou seja, não têm como preferência sexual os iguais a si mesmos.

Isto foi dito por John, certa feita, expondo, sem paixão, com naturalidade, ao ser indagado por um brasileiro num dos encontros na Casa, se aquele homenzarrão, movendo-se com leveza, era efeminado".

Ou noutra escrito de ficção, amparado em pesquisa antropológica, eu escrevi²⁶:

"Azonyê saiu rumo à sua casa, e Adú, que se encontrava recolhido, aprumou-se e saiu em seguida. Botou o pé na porta com a ponta da sandalha indicando no rumo da casa de seu pai, o general Ologboshere. No destino indicado, marchou por algum tempo até que adentrou a casa paterna. Se alguém estivesse observando num plano invisível o comportamento geral de Adú notaria algo muito interessante. Seu pai entendia sua homossexualidade como parte do sistema religioso de seu povo. Não havia nada que o incomodasse no fato em si, tampouco nas conseqüências daí decorrentes, como a proximidade do filho em relação, antes, aos meninos adolescentes e, depois, aos homens²⁷ como ele mesmo. Por seu turno, Adú também não tinha qualquer sentimento de errado no seu modo de ser e agir, os deuses o haviam escolhido para servi-los e ele os servia sendo do jeito que era. Mas aí acontecia o estranho que alguém invisível por certo notaria: o Adú que adentrou a casa paterna não agia da mesma forma que agira conversando com Azonyê. Na frente do pai era quase um homem másculo como outro qualquer. Havia algum trejeito afeminado, mas praticamente imperceptível. Mesmo sua voz normalmente de soprano, não ia ao baixo, é certo, mas era de certa forma até abaritonada. Em sua casa, recebendo a sacerdotisa, ou as pessoas que lá freqüentavam, desde o momento em que abriu a porta até quando ela saiu, comportava-se, seminu como estava, como uma mulher, até mesmo no tom da voz.

Noutro enfoque, Richard Wright, no conto "The Man who Lived Underground", cria a seguinte situação literária:

Em seu sonho sentiu-se como se estivesse numa câmara, olhando a seu próprio corpo nu, deitado, rígido e frio, sobre uma mesa branca. Longe, no fim do quarto, via uma multidão comprimida num canto, temerosa de seu corpo. Embora morto sobre a mesa, estava, de forma misteriosa, de pé a seu lado, à margem dos demais, guardando seu corpo, e rindo para si mesmo, na medida em que observava a situação toda. Eles estão temerosos de mim, pensou.

Zora Neale Hurston (1891-1960), dedicou sua vida literária ao estudo da vida dos negros no Sul dos Estados Unidos – e do Haiti – tendo, em seu livro *Mules and Men*, dedicado toda a segunda parte ao vodu (*hoodoo; juju de que se ocupa Wright*). Zora, como Richard Wright nasceu no profundo Sul dos Estados Unidos, este em 1908, numa plantação próxima a Roxie, Mississippi; àquela em Notasulga, município de Macon, Alabama. Ambos experimentaram os problemas comuns aos negros na parte

26 - Em "Benin".

27 - Em "O Caminho da Volta", capítulo "Orgulho de um Tabom".

americana onde nasceram e os dois conseguiram destaque no grande momento literário que os afro-descendentes tiveram por participarem ou como conseqüência do movimento Renascimento do Harlem.

Do livro referido de Zora, *Mules and Men*²⁸, são os trechos a seguir:

Nova Orleães é hoje e sempre foi a capital norte-americana do vodu. Grandes nomes que em ritualística que competem com a fama dos haitianos, mantêm vivas as forças da África.

Hoodoo ou Voodoo, na pronúncia dos brancos, arde como uma chama nos Estados Unidos, com toda a intensidade de uma religião reprimida; conta com milhares de secretos seguidores. Ele se adapta qual o cristianismo à sua localidade, acolhendo algumas coisas ali inerentes, para si mesmo. Tal como a adoração ao fogo presente no altar e nas velas das igrejas cristãs. E na crença do poder da água de santificar, como no batismo.

*A crença na magia é mais antiga do que a escrita. E ninguém sabe como se iniciou*²⁹.

Certa feita, falava com a sra. Rachel Silas, em Stanford, Florida, e perguntei-lhe onde poderia encontrar um bom hoodoo-doutor.

"Você acredita nessa velharia, menina? Não conheço ninguém que faça dessas coisas; você conhece?" - disse rindo desnecessariamente. "Tenho ouvido a respeito dessas coisas, desde que cresci o bastante para me conhecer; bobagem! Não creio que alguém me possa fazer mal, a menos que me faça engolir algo contra vontade".

"Não se engane a si mesma," respondi com firmeza. "Podem sim, pessoas lhe prejudicarem. Eu vi coisas acontecerem".

*"Bom, bom... Talvez coisas possam ser feitas para lhe ferir - eu ouvi gente de respeito, pessoas que tem de saber, dizer que acontecem"*³⁰.

Richard Wright, cansado de não obter as respostas que desejava ter na África que o acolhia havia algumas semanas, num encontro com a secretária do Primeiro-ministro, travou o seguinte diálogo³¹:

"Como vão as coisas?"

Senti-me desanimado. Ela sabia o que estava acontecendo, e me senti chateado vendo-a perguntar-me pelo que ela bem sabia.

"Sinto como se os africanos houvessem posto um feitiço em mim" - foi o que resmunguei, tentando, obliquamente, fazê-la entender que eu estava descontente".

Ela voltou-se em sua cadeira giratória e me encarou.

"Você deve ser mais cuidadoso com isto" - afirmou num tom muito serio.

"O quê?" - indaguei, num tom atizado.

"Há algo no feitiço" - ela retrucou com severidade.

Eu quis gritar, com um riso, mas o escritório do Primeiro-ministro não era o local ideal para assim agir.

"Você está brincando," - respondi.

Ela apontou solenemente o dedo para meu rosto e disse:

28 - Hurston – *Folklore, Memories & Other Writings. Mules and Men. Tell My Horse. Dust Tracks on a Road. Selected Articles. Coleção The Library of America, 1995.*

29 - Pg. 176, obra citada na nota anterior.

30 - Pg. 177, ibiden.

31 - Black Power, pgs. 176-177.

"Cuidado, hein!"

"Meu Deus, você não acredita nisso".

"Há muito mais nisso do que você pode imaginar" - me repreendeu.

Enterrei-me abatido na cadeira, encarando-a. Encontrasse eu essa mulher impassível, inteligente e eficiente em Londres ou Paris e teríamos longas conversas sobre as coisas do mundo, e eu teria respeitado seus argumentos. Mas agora, aqui, nesse calorão e umidade, ela me dava a entender que feitiçaria era real, não apenas uma ilusão psicológica.

"O que eles fazem às pessoas daqui?" - Perguntei. E sai devagarzinho do escritório, sentindo-me derrotado. Por Deus, feitiço... Que fiquem com o seu feitiço... Se você não acredita nisso, isto nunca o influenciará... E esse feitiço era real, estava sendo sugerido para mim no gabinete do Primeiro-ministro! Não, não....

Mais adiante, Wright consegue um encontro que considerou relevante, posto que encontraria o outro lado, que ele chamou como representante do lado burguês. Assim³²:

"Retornando ao hotel, encontrei um convite para visitar o doutor Ampofo, de Mampong. Após estar na África havia um mês, este era o primeiro convite recebido de parte da burguesia negra. Fiquei ansioso por encontrar ao doutor Ampofo, pois, por sua personalidade, provocava reações extremadas. Havia os que o apreciavam e também aqueles que consideravam, ele carregava algo de ruim.

Meia hora de viagem numa rota escarpada através da densa floresta fizera-me chegar a uma esmerada vila onde, pela primeira vez na África, eu via florescência... A casa do doutor Ampofo podia já se ver a uma centena de metros adiante; construída com pedras e apertadas janelas, linhas estendidas, terraços panorâmicos, árvores, cor...

O doutor Ampofo tinha quarenta e cinco anos de idade, preto, baixo, agitado, esbelto - com corpo alerta e mente ágil.

.....

Ele foi muito gentil e mostrou-se sua bonita casa nova, que, informou, foi projetada e executada por sua esposa. A seguir, mostrou-me sua coleção de esculturas em madeira, produzidas por ele mesmo. Era médico por profissão; era o patriarca de uma portentosa família africana; atuara em filmes, e dirigia um próspero negócio no ramo das madeiras...

Com bebidas a nosso alcance, o doutor e eu começamos a finalmente trabalhar.

"Você se importaria em falar um pouco a seu respeito?"

"Não; nem um pouco". - Respondeu-me.

Ele veio de Mampong em 1919 após quatro anos na escolinha da vila paterna. Daí foi para a escola internato Presbiteriana, em 1922, onde permaneceu até 1926. Contou de como ele e seus amigos tiveram de viajar por três dias e noites, para chegar até a escola, pois nesses dias não havia transporte. Sua formação continuou em Cape Coast, na Boy's Secondary School em Mfantshipim. Em 1930 conseguiu uma bolsa de estudos para obtenção de seu mestrado em arte. A meio caminho desse objetivo, desistiu e concorreu a uma concorrida bolsa de estudos para Londres. Em 1932 foi para Edinburgh onde completou sua formação, alcançando o grau de doutor em medicina, em 1939...

Após essa introdução, Wright parte para o que mais lhe interessava, e busca a opinião do ilustre

ganense sobre política. A respeito de Kwame Nkrumah e seu partido. E faz a seguinte cadeia de ponderações, para chegar ao... feitiço:

"Mas isto não explica o CPP. Por que ele surgiu na Costa do Ouro? Tenho participado de encontros políticos, quando vejo coisas estranhas. Vi chefes fazendo libação; ouvi rezas, tanto pagãs quanto cristãs; ouvi a prestação de juramento³³ de servir com lealdade pessoal ao Líder."

Você viu juramentos serem prestados?" - Indagou-me serena e seriamente.

"Não estou mentindo. Por que o faria? Presenciei isto em duas ocasiões.

"Sim, isto acontece". - Respondeu-me, num suspiro.

"O que você quer dizer?" - Indaguei.

Ele me olhou e deu uma risada:

"Você está tocando num ponto..."

"Um juramento na África é algo terrível. Disseram-me". - Falei, tentando instá-lo.

Ele riu novamente, levantou-se, caminhou pelo recinto, então coçou a cabeça e virou-se para mim. Apontou-me agitando o dedo indicador, dizendo:

"Quando você fala em juramento você está tocando em feitiço..."

" Oh, qual é!?" Obstei.

"Você não acredita em feitiço", indagou-me.

"Puxa, não! Você é um doutor. Você não pode acreditar nisso; nem mesmo literalmente", afirmei.

Ele estudou-me e meneou a cabeça.

"Há algo nisto", completou solenemente.

"É meramente psicológico", eu disse-lhe.

"Eu vi como funciona", ele me respondeu.

"Funciona apenas para aqueles que nisso acreditam", afirmei. É uma questão psicológica.

Ele estava quieto novamente; ora me olhava, ora desviava o olhar.

"Você é opiniático" - disse-me.

"Não, nada disso. É só bom senso. Se o africano possuísse um poderoso feitiço, teria usado há muito tempo para libertar sua nação". Completei.

"Eu vi pessoas sentenciadas à morte por efeito da feitiçaria", afirmou o doutor. "E morreram".

"Eles acreditaram que iriam morrer" - retruquei. "É sugestão, auto-hipnose; é isto!

"Sim, se você mantém em mente que é psicológico, você pode escapar disso," ele concedeu. "Mas isso atinge muita gente..."

"Encontrei evidências disso", concordei. Porém, essa coisa de família agregada e o patriarca dessa família ao qual todos devem lealdade... Isto tem alguma relação com as bases da fundação do partido de Nkrumah? Afastemos feitiço dessa linha de pensar; falemos coisa sensata. Diga-me, o que você pensa?

.....

"Eu vejo uma grande influência da tribo na política," - afirmei. "Mas como isto acontece? Como partido se amarra à vida familiar?

"Está bem... Nós temos uma vida peculiar na África", o doutor começou sua

33 - A palavra em Inglês usada é *oath*, que pode ser traduzida tanto como juramento, quanto como praga. Todavia, parece que uma definição sobre tradição africana melhor explica seu uso no contexto das conversas e no espanto de Richard Wright. No sistema religioso tradicional africano, prestar um *oath*, juramento, entre dois indivíduos ou grupo de pessoas, é acordar que nenhuma das partes irá, conscientemente, causar dano ou planejar qualquer mal contra o outro. A fim de selar esse pacto entre indivíduos ou comunidades, uma refeição ou uma bebida é compartilhada, geralmente do mesmo prato com a mesma comida (entre os iorubas comumente noz-de-cola). A refeição ou a bebida tem o significado de assegurar que nenhuma das partes a prestar o *oath* irá ferir ou pensar mal da outra parte. Em caso de uma das partes infringir o juramento, significa que estará ofendendo aos deuses ou aos espíritos ancestrais, e que assim será punido por seres sobrenaturais.

explicação. "Nossa forma de sucessão é matrilinear, vinda do lado materno da família. Quando um homem escolhe sua esposa, ele não pode deixar a família e passar a viver com ela; ele tem de trazê-la para sua família. Ela passa a ser uma das filhas na família do marido, além de ser esposa. Ela passa a viver sob a autoridade da família. A família é o ente supremo na África; sua autoridade é inquestionável. Daí por que nenhuma jovem europeia consegue se adaptar às nossas famílias. Elas podem ser aceitas, mas consideram o regime impossível..."

"Quando um patriarca de família se junta ao CPP, toda a família adere. E as famílias africanas são numerosas. O patriarca da família tem a palavra final; sua palavra é lei. Se o patriarca é do CPP, então toda a vila é votante do CPP. Você sabia que Nkrumah é um Tufuhene...?"

"O que? - Do que se trata?" - Indaguei.

"É uma expressão em fanti... Significa Chefe Guerreiro".

"Mas este é apenas um título honorífico, não é?"

"Não".

"Verdade?"

"Claro que é." - afirmou o doutor. "Agora, a origem do CPP deu-se na Organização dos Jovens da Costa do Ouro, que foi liderada por Gbedemah, Ako Adjei... Nkrumah era a alma do grupo. Ele sabia como fazer eclodir as reações de seu rebanho - e o clã e a família formavam a base para sua condução ao poder. Seu objetivo era substituir aos chefes por completo e, ao fim, também aos ingleses."

.....

Prossiguiu o doutor, sobre Nkrumah: "Ele move-se no afã de eliminar a identidade de gente como eu... Isso não é democracia. Sei que ele tem as massas a seu lado, mas isso não é democracia. O verdadeiro centro de poder em nossa sociedade se encontrava nas mãos dos chefes, mas Nkrumah arrasou com tudo isto..."

.....

Noutro trecho e, enfoque³⁴:

Disseram-me que a feitiçaria interfere no dia-a-dia dos trabalhadores nas minas, num grau surpreendente. Se um jovem tem uma jura posta sobre si por outro jovem, aquele amaldiçoado atinge um grau tamanho de medo, que tem de largar tudo e viajar para sua tribo, a fim de ser lá purificado. Não adianta conselho de mais velho, tampouco de algum europeu. Quando adoecem, mesmo que a mineradora mantenha um hospital, muitos operários africanos preferem dar preferência a seus curandeiros, por acreditarem que seus males têm origem em encantamentos postos por outrem. E, comumente, é apenas quando chegam a um grau de debilidade, não podendo mais resistir, que muitos mineiros daquela área aceitam tratamento médico moderno.

TRAZENDO REMINISCÊNCIAS

Ao finalizar *“O Poder Negro – O Registro de Reações em uma Terra do Patético”*, eu fiquei confuso com o texto de Richard Wright. Desde logo, não tenho como não me vincular a ele, posto que estive praticamente na mesma situação que Wright, apenas uma vintena de anos após, quando muito do que espantara o escritor já se havia transmudado. Mesmo que com olhos postos numa aventura comercial, não havia como obliterar minha experiência pregressa como jornalista. Portanto, de certa forma tinha as mesmas inquietações, as mesmas curiosidades, as mesmas perplexidades, mas encarava de outra forma o que via, especialmente, aquilo que fazia parte da cultura milenar daqueles povos e que eu simplesmente não tinha capacidade de entender, portanto, muito menos de julgar ou indicar caminhos, a partir do modelo em que eu fora criado. E do qual não me desligara. Vi, como jornalista preocupado em contar para meus leitores, aquilo que discorria ante meus olhos, calcado em minha vida e minha personalidade. Eu fiz questão de inserir neste ensaio trecho da obra autobiográfica de Richard Wright – um tanto literária, imagino, pois o registro fiel de suas vivências quando tinha quatro anos de idade. Richard começou bem: incendiou sua casa!

Isto posto, a reação de meu amigo Afriyie – na base do não li e não gostei – traz em verdade mais do que não li; se contém o ouvi bastante a respeito, e por isto não gostei. Eu posso imaginar, numa sociedade eminentemente de cultura oral, como a ganense – onde eventos varam o tempo, na narrativa base dos encontros sociais que se repetem nas *hometowns*, na realização dos funerais, dos casamentos, das iniciações, dos nascimentos – a reação ao relato no livro do americano que andou por aqui, e que desdenha do *juju*, fala mal dos nossos chefes e sugere que conheçam métodos de política ocidental e estatística, que não compreende a importância da hierarquia achanti, que nos considera como homossexuais. Meu amigo Afriyie diz que leu uma resenha sobre um livro que falava mal do Brasil – por isto não gosta de resenhas. Mas na mensagem que me mandou não diz como tomou conhecimento do livro de Wright – creio que foi num desses encontros sociais; mesmo por que, citado no livro, seu irmão mais velho deve ter tomado conhecimento das reações de seu chefe, o líder da Independência de Gana, Kwame Nkrumah; e de todas as pessoas relevantes, quando Gana era toda sensibilidade, nervos expostos, num embate que não só envolvia livrar-se do domínio inglês, mas acomodar as dissensões internas de grupos políticos locais, lideranças tradicionais, igrejas, cultos e tradição. Pois sobre tudo isto, com um mínimo de leitura e uma carga de conceitos arraigados, Wright escreveu, material recolhido em dois meses. Ainda que por seu virtuosismo como escritor conseguisse o milagre de agradar a um universo minúsculo de leitores – superior a oitenta por cento era o número de analfabetos, então – não escaparia de desagradar quem era capaz de comprar o livro e lê-lo, e incapaz de entender como Wright não entendia o óbvio para ele leitor: a vida do africano.

Como registrei aqui, um dos pontos nevrálgicos das constatações de Wright foi aquele relativo ao homossexualismo. Esta é minha experiência pessoal e minha visão sobre afeto e maledicência. Os norte-americanos que conheço, assim como estão nos livros e nos filmes, não conseguem externar um sentimento de afeto através do contato íntimo dos corpos – o abraço apertado, tão comum entre os brasileiros, que foi transmudado, para pior, em tempos mais recentes, numa forma até escrita de saudação. Experimente abraçar um norte-americano: ele vai se retrair como se algo desagradável estivesse ocorrendo. Seu corpo, qual a confessa falta de ritmo de Wright, parece carecer de abertura para aquele

encaixe que um abraço traz.

Dito isto, eu posso imaginar Richard, o menino do interior do Alabama; depois, o jovem em busca de um rumo, caminho que o levou à filiação e ao rompimento traumático, adiante, com o Partido Comunista dos Estados Unidos; do migrante, como milhares de outros negros, fugindo do *apartheid* do Sul, mirando a Estrela do Norte, Nova York, e que o acolheria e à sua capacidade literária – depois, enfim, do auto-exilado em Paris – vendo dois homens caminhando de mãos dadas. Dois homens dançando juntos. Haviam de ser homossexuais!

Eu estranhei. E foi em Dakar. Notei o comum de homens grandes – os olofes, naturais da região de Dakar são muito altos – a caminhar de mãos dadas. E não precisou muito tempo, pois fiquei inicialmente três semanas na capital do Senegal, via-me à vontade, caminhando de mãos dadas com amigos que trabalhavam conosco na Feira. Cheguei a Gana, ano após, preparado para esse costume, que acolhi sem restrições. Nem espanto.

Eu vi um homenzarrão que se movimentava com a delicadeza de uma donzela. Estávamos num restaurante em Acra. Ele era o proprietário da casa. Entendi a explicação de um amigo local. Assim como registrei, anos adiante, calcado nessa imagem e na explicação que se seguiu, num personagem de *Benin*, a relevância que um ente efeminado pode ter na performance de ritos de passagem; no universo dos rezadores e curandeiros.

Massa, want chop³⁵?

A pergunta, em Inglês *pidgin*, corrompido, que passou a acompanhar Wright e a situação inerente – esse linguajar das pessoas iletradas, foi a mesma que me deparei, na *guest house*, casas de hóspedes que me acolheram em cidades de Gana, quando os seus *stwards*, nos convidavam para a refeição da hora.

Meu *stward* chamava-se Alassan. Alassan, o mordomo. Wright descreve a seu modo, o ambiente que encontrei, na noite em que o Banco Nacional para a Habitação, em Gana (*Bank for Housing and Construction – BHC*), inaugurou e fez de mim o primeiro usuário de sua *guest house*. Mudando um e outro detalhe, como por exemplo pés descalços, agora devidamente calçados, eis o registro de Wright:

Virei-me e vi o mordomo, com uniforme branco, a face negra, os pés descalços, a boca entreaberta em expectativa. Exclamei, indagando: "Sim!?"

Respondeu: "Massa want chop?"

"O que?"

"Comer? Comida fria? Comida quente?"

Eu não havia entendido patavina; era minha primeira experiência com Inglês pidgin; assim, sacudi com a cabeça e confessei: " Não estou entendendo".

Ele respondeu: "Comer, Senhor". E passou a uma performance de gestos que representavam o ato de comer – erguendo suas mãos até a boca e mastigando com vigor".

"Jantar?" Eu disse.

"Yasa³⁶, Senhor. Quando devo servir?"

35 - Massa, corruptela para mestre, amo, senhor etc. Chop, corruptela para comer.

36 - Sim.

Meu *steward* tinha um nome, já disse, era Alassan. Como outro mordomo que Wright viria a encontrar adiante, também era da região Norte do país, um muçulmano. Alassan já dominava o alfabeto, tinha calçados e apesar de usar largamente Inglês corrompido, como esse *chop* que intrigara Wright, comunicava-se com grande fluência na língua do colonizador. Alassan também se dobrara ao sincretismo, sem descuidar-se da obrigação de se curvar, voltado para Meca, orando todas às vezes por dia que aprendeu devia fazê-lo, nas madrassas do Norte. Respeitava, todavia, a tradição animista que se inseria no seu cotidiano. Lá estavam as ervas que o marabuto ensinara-o a usá-las e prescrevê-las para parentes, amigos e eventuais visitantes estrangeiros.

E contava histórias, tantas que fantasiei sobre suas fantasias, num conto que intitulei “Alassan e Heitor”.

Assim, na experiência de Wright, com outro *steward*, como Alasan, também do Norte, reproduziu um encontro que me fazia soar, na leitura, o mesmo sotaque ganense-nortista, impregnado de Inglês corrompido. Wright descreveu:

" Fui ao jantar. Após havermos ceado, Senhor Shirer chamou seu cozinheiro. Era um homem alto, na casa dos quarenta, retinto, levemente calvo e descarnado. O senhor Shirer disse que eu era americano de ascendência africana, que eu havia retornado para visitar a terra de meus antepassados, e que eu desejava saber a respeito de sua vida. Ele estava um tanto nervoso, mas sorriu, sentou-se num pequeno banco, e baixou a cabeça.

"A terra dos negros é muito doce, Senhor ". Iniciou dizendo, na tradução do senhor Shirer.

Perguntei: "De onde você é natural?"

"Do Norte, Senhor."

"E o que você faz agora em Acra?"

"Sou o cozinheiro do senhor Shirer, Senhor".

"Você está longe de sua tribo. Por isto, sente saudade de seus familiares?"

"Oh, sim, Senhor! É difícil viver longe de minha tribo. Mas vou lá sempre que possível. Aqui não é meu lar, Senhor! Meu lar é minha tribo".

"O que você faz para manter o seu moral elevado enquanto está longe de sua tribo?"

"Eu observo todos os costumes, Senhor. Sacrifico uma ovelha ou uma cabra quando das datas sagradas e rezo aos meus ancestrais para que me protejam. Se venha a morrer, desejo que me levem de volta para minha tribo e que seja enterrado junto aos meus ancestrais".

Perguntei-lhe sobre a hipótese de vir a morrer longe da terra de seus ancestrais, quando seu semblante tornou-se sombrio. Era óbvio que aquela era uma situação que o inquietava intensamente. Ele me disse:

"Um estranho morreu longe de casa, Senhor. Nós o enterramos, mas não da mesma forma que enterramos os nossos. Cavamos uma sepultura de forma que a cabeceira aponte na direção de seu lar. Então, sacrificamos uma ovelha e deixamos que o seu

sangue escorra sobre a sepultura. A seguir fazemos uma oração para os espíritos. Assim: 'Espíritos e deuses, este homem fez tudo o que pode em seu desejo de retornar ao lar para morrer. Você pode ver que seu jazigo aponta na direção de seu lar'. Assim, Senhor, seus ancestrais devem perdôá-lo. Ele queria fazer o devido, mas não conseguiu".

"E você acredita que essa oração conserta tudo?"

"Oh, claro, Senhor!"

"Diga-me outra coisa... Você já pensou em ir para algum lugar muito distante, para a América, por exemplo?"

"Oh, não Senhor! Jamais!" Foi o que me disse, sacudindo lentamente a cabeça. "Eu não poderia deixar a terra de meus ancestrais. Aqui está a terra que tenho de cultivar e de cuidar".

(À medida em que ele falava, eu divagava sobre o horror que deve ter se incrustado nos corações dos escravos que, por séculos, foram embarcados ao Novo Mundo. É muito possível que o sofrimento psicológico houvesse sido mais intenso do que o físico!)

Agora, suponha que algo terrível aconteça com uma pessoa. Qual seria o significado disso?

Seus olhos se arregalaram e ele meneou a cabeça, me encarando como se eu houvesse ficado louco.

"Porque, Senhor, isto significaria que um feitiço dele se apossou", foi o que me disse, com convicção. E adicionou: "E essa pessoa teria de ir a um feiticheiro e conseguir algo para se antepor ao mau-olhado".

"Então, quando alguém morre, é por que alguém assim quis?"

"Claro, Senhor. Se ele era velho e teve muitos filhos, então morre por causas naturais. Mas se é jovem, é certo que alguém o matou; fez algo contra si. Para uma mulher ou um homem jovens não existe morte natural. Somente quando você fica velho e tem muitos filhos é que os ancestrais o chamam para juntar-se a eles".

"E o que você pensa a respeito de milhões de seus irmãos que foram apanhados na escravidão e despachados para a América?"

Ele ficou pensativo por um lapso de tempo e depois respondeu, falando calmamente:

"Eles estavam sendo punidos, Senhor. Os seus antepassados não se ocuparam deles. Seus antepassados não lhes concederam proteção, os abandonaram, não os defenderam como deveriam".

"Por que?"

"É difícil explicar, Senhor!"

"Poderia ter havido qualquer coisa que evitasse aquelas pessoas de serem vendidas para a escravidão?" Perguntei-lhe.

"Oh, claro, Senhor!" disse, se iluminando. "Olha aqui, Senhor, se você está acorrentado, impotente, e se você impreca uma maldição, seus ancestrais vão se transformar em leões, tigres ou leopardos e virão como tal ao seu socorro. E você

pode cavalgar um desses leões, tigres ou leopardos seiscentas milhas em uma noite. Porém, Senhor, esses leões, tigres ou leopardos em que se transformaram seus ancestrais, não são aqueles animais que um caçador abate na floresta. Não, Senhor... são animais mágicos. Você não os pode ver. Mas pode ouvir seus rugidos à noite. E se você ouve um desses animais encantados bramindo à noite, significa que algo de ruim vai acontecer. Pode até significar que o feiticeiro irá morrer".

"Agora, olhe para mim. Você pode ver, pela cor de minha pele, que descendo de africanos. Pois bem, após todos esses anos, por que você acha que eu voltei à terra de meus ancestrais? Você acha que eles me trouxeram aqui por alguma razão?"

De novo, o esguio, sério cozinheiro, era todo pensamentos. Coçou a cabeça e falou solenemente:

"Não é fácil dizer, Senhor. Tanto tempo se passou". Ele me encarou e moveu a cabeça como que com dó. "Acredito, Senhor, que os seus ancestrais não sabem mais quem você é. Se eles o reconhecessem, por que o ajudariam? E, é claro, pode acontecer de seus antigos o reconhecerem, mas você não os conhecer, tanto tempo se passou, não é, Senhor? Mas, se por acaso, você vai até o local onde estão enterrados os seus ancestrais, talvez eles o reconheçam, mas você não os conhecerá. Mas, se, enquanto você estiver em África, seus ancestrais o reconheçam, algo estranho irá ocorrer tanto para você quanto para eles; um indício, uma recordação, fará com que saibam que são parentes".

"Que coisa estranha acontecerá comigo?"

"É difícil de dizer, Senhor".

Dei-lhe algumas moedas para comprar um drinque e disse-lhe tchau. Sentei-me pensativo.

.....

O cozinheiro analfabeto deu-me, implicitamente, respostas a muitas questões. Era-me óbvio que os africanos haviam vendido muitos milhões de seus irmãos negros para a escravidão. Tornar-se escravo, era a prova de que alguém havia feito algo de errado; que estava sendo punido; que era culpado; e se alguém era culpado, seria escravo; se não tivesse culpa não estaria na condição de escravo... Ser vendido como escravo significava que seus ancestrais o haviam lançado à perdição! Maltratar um escravo se constituía na obediência às leis espirituais do universo! Conseqüentemente, àquele a quem recaíra o infortúnio, merecera. Falhar é um sinal de deficiência; vencer é um sinal de excelência e indica que o vencedor tem a boa causa. Se você se apodera de algo pertencente a alguém que falhou, a quem a sorte abandonou, você está agindo corretamente, somando o seu poder e benevolência...

"Fico imaginando", disse ao senhor Shirer, enquanto sorvia de meu café, "o que aconteceria com seu cozinheiro, se morresse aqui, em Acra?"

"Vamos ver o que ele mesmo tem a dizer. Vou perguntar-lhe", disse o senhor Shirer, chamando o cozinheiro novamente.

'Não se incomode...'

"Ah, ele vai gostar de contar-lhe".

O cozinheiro voltou, secando as mãos no avental. Minha pergunta foi posta pelo senhor Shirer. Ele respondeu:

"É simples, Senhor. Meu filho levará meu corpo para enterrá-lo na terra de meus ancestrais".

"Mas se seu filho não estiver aqui?" Indaguei, brandamente.

Isto não o perturbou. Ficou a encarar o assoalho por certo tempo, para então dizer:

"Então meus amigos me enterrarão e buscarão em minha sepultura pelas formigas negras, que são chamadas de escravas de Deus. Apanharão uma dessas formigas, quando ela estiver caminhando sobre meu jazigo. Junto com três pedras do local, colocarão num pacote, levando-o até a terra onde estão meus ancestrais, para ali inumá-lo; junto estará minha alma. Estarei, então, com meus antepassados". Isto, é claro, são sonhos, miragens à luz do dia, sonhos sonhados de olhos bem abertos! Seria por que a selva, tão rica, tão fértil; seria por que a vida, tão generosa, prenhe de alimentos, tão fácil - fez por nascer nos homens sonhos tão desabridos? Ou seria o contrário? Esses sonhos pertencem aos africanos; eles estariam ali, mesmo antes da chegada dos brancos... Uma coisa era incontroversa: seu senso de realidade não passava de um sonho. Pode ser, é certo, que os sonhos sejam uma segura forma de realidade... Pode ser que tais crenças se adequassem melhor do que ferrovias, produção em massa, guerras... E o africano não está sozinho em considerar tais sonhos como realidade. Todos os homens, de alguma forma, amam esses sonhos. Talvez o homem seja mais feliz quando envolvido em caros sonhos de estar um dia com seus pais, quando de sua vez...?

Recordando-me de Alassan, escrevi o conto **Heitor e Alassan**, do qual retiro um trecho, onde está uma visão diferenciada daquela que teve Wright, com o cozinheiro, sem nome, vindo das mesmas terras de Alassan e com histórias que se complementam:

A casa de hóspedes, a pousada para os estrangeiros, era um grande sobrado, com dois pisos, ao fundo do qual havia a dependência que os locais chamavam boy's quarters, onde residia, com um filho pequeno e sua jovem mulher, o cook³⁷ Alassan. Muito magro, arrastava levemente uma perna, numa desvantagem que apenas quem prestasse especial atenção notaria, pois se movia como um ágil bailarino, sempre em cena. Alassan estava na casa dos quarenta. Ativo, desde mais cedo do que todos - pois quando acordavam o café da manhã já estava pronto - ele se movimentava com uma agilidade notável. Era, assim, o cozinheiro - excelente, aliás, por que imaginativo. Organizava a casa, cuidando do ramerrão em um imóvel de grande porte, repassando tarefas como arrumar as camas dos hóspedes, ajeitar suas coisas e, ainda, lavar-lhes as toalhas de banheiro, roupas de cama e mesa, camisas, cuecas e meias.

Fato interessante é que, versado nas lides domésticas, como poucas mulheres, Alassan jamais faria qualquer serviço dessa natureza, após a linha imaginária que separava o término da casa e o início do boy's quarters. A partir daí, tarefas de sua rotina profissional, como cozinhar, lavar e passar, dentre outras, cabiam à sua cara-metade. A exceção dava-se com sua roupa: Alassan, como muitos dos

37 - Cozinheiro.

africanos, alguns executivos de primeiro nível, preferiam lavar eles mesmos suas camisas, cuecas e calças, reservando espaço nos sábados pela manhã para essa prosaica função, adquirida nos tempos de alunos internos de ginásios e universidades.

Intrigava a todos, além das profundas marcas tribais que Alassan ostentava em seu rosto – escarificações que se iniciavam nos cantos da boca, alongando-se por sobre os málares para atingir a base das cavidades oculares –, a habilidade que tinha para resolver, pequenas para ele, imensas para os estrangeiros, mazelas originárias da nova alimentação; da inclemência do tempo – muita umidade, extremo calor – e, sobretudo, do ensejo que a distância de casa dava a coisas da cabeça para gerar depressões e ansiedades.

Mas a linha imaginária que também dividia Alassan ao meio mostrava-o como um enérgico chefe de família, no relacionamento que se tornava aparente, muitas vezes, entre si e sua mulher ou com o pequeno Sexta-feira – Kofi –, que se arrastava, indiferente, no lado de lá ou de cá, no terreno do sobrado. Evidenciava-se, da mesma forma, como portador de uma complexa personalidade, que se escondia por trás da sutil subserviência com que atendia aos hóspedes de seu empregador, um banco.

Assim, como poucos, Alassan mostrava-se um experto em gerar clones perfeitos de pratos tradicionais da cozinha de seus patrões de ocasião.

Foi objeto de absoluta pasmeira, entre o grupo recém-chegado a feijoada brasileira que lhes ofereceu num primeiro jantar do outro lado do Atlântico. Nos dias seguintes, dava-se uma repetição permanentemente elogiada de macarrão com molho de carne, espagete com almôndegas, arroz de carreteiro, arroz com lingüiça, dobradinha com bolinhos de aipim e, espanto geral: sobremesas tais como doce de abóbora, ambrosia com sabores cítricos, papos-de-anjo e quindins.

Para quem não tinha nada a fazer, nas noites da guest-house, o guardião revelara-se de outra utilidade, transformando-as em soirées diários. Enquanto ia e voltava, trazendo as travessas de comida ou as garrafas de bebidas, emitia conceitos, preparando o ambiente para um encontro informal após o jantar. A sessão era um pouco truncada, é verdade, pela dificuldade de uma comunicação adequada, face a pouca fluência no Inglês dos brasileiros, defeito de quem foi trabalhar no exterior. Ao contrário do dia-a-dia, quando o vocabulário requerido aos técnicos se apoiava em gestos e a indicação de ferramentas ou materiais, ali não, eram histórias que exigiam muito vocabulário e pouca mímica. Mas, não obstante, entretinha o pessoal e ao mesmo tempo passava tradições orais dos povos a que pertencia ou aos quais estava ligado.

Nascido no norte de Gana, região de nações que sofreram a influência maciça dos muçulmanos árabes, que se deslocavam pelo deserto do Saara, constituía-se num maometano convicto, mas permeável, como a maioria de seus irmãos, ao sincretismo surgido do encontro entre a cultura islâmica e o animismo milenar africano. Entendia de remédios, ervas e poções. E, nas soirées, narrou vários casos de hóspedes que haviam sido curados com ervas que tinha no dispensário de sua casa, ao fundo, cuidadosamente guardadas em chifres de cabritos.

Certa feita, Alassan recordou a estada de um grupo de chineses, associados ao banco num projeto para construção de canais de irrigação. Disse haver discutido, também nos encontros de após janta, sobre a medicina tradicional na China. Contou aos brasileiros que o tamanho daquele país e a massa populacional impediam que a medicina ocidental chegasse aos recantos mais afastados e que, como os ganenses e os africanos em geral, também se valiam da medicina tradicional para a assistência à enorme população. Alassan discorreu sobre a importância que é dada, nas pequenas comunidades do interior, ao medicine Man, pajé ou feiticeiro, personagem presente também na China. Durante a Segunda Guerra, pela mais completa falta de medicamentos importados do ocidente e, também, nos anos de Mao Tse-Tung, chegaram a funcionar quatro faculdades, seis escolas e vários cursos de extensão em tratamento tradicional. A importância dada pelos chineses ao uso da medicina ancestral constituía-se em emulação para o discurso segundo o qual países pobres e com uma forte tradição, como os africanos e o Brasil, deveriam pagar mais importância ao desenvolvimento das técnicas de medicina tradicional.

Falava da vida das pessoas na África, rosário de coisas pouco ou nada conhecidas de seus quase sempre atentos ouvintes. Um capítulo muito longo e requintado na narrativa foi aquele que dedicou à floresta. Repetiu-se, por sessões diversas, a dar ênfase para aquela que abrigava o paraíso – Asamando e o Deus supremo, Odomankoma.

– Maior que Alá? – provocou alguém.

Alassan ignorou a pergunta e prosseguiu falando sobre deuses e duendes, em animais e feitiços – dos rios, de certas árvores, de seres sobrenaturais, como os que se prestavam para punir os maus e abençoar os bons.

Natural da savana, nas bordas do grande Saara, sofreu a influência cultural dos homens do deserto. Na sua caminhada, entretanto, em busca de trabalho e ocupação, foi migrando mais para o sul, penetrando nas regiões da selva.

Aí, não apenas aprendeu a respeitar uma nova cultura e força religiosa, mas rendeu-se, por inteiro, à tradição achanti que rejeita, como tabu, qualquer agressão ao corpo, como a circuncisão, da cultura maometana, e a escarificação no rosto, que lhe impuseram quando pequeno. Submeteu-se a um longo aprendizado, mesmo porque, nas primeiras sessões religiosas de que participou, demonstrou ser um sensitivo.

Numa das soirées deu-se um fato extraordinário, que apenas um dos brasileiros, Heitor, percebeu. Alassan fazia uma das suas narrativas, cujo conteúdo, em cerca de sessenta por cento os presentes entendiam. Havia um semicírculo à esquerda do qual, à frente de todos, postava-se o narrador, sentado numa banquetta. Os demais acomodavam-se num conjunto de estofados– um sofá e poltronas. Ele explicava com minúcia a forma pela qual os duendes infernizam os moradores da floresta, quando houve um corte no fornecimento de eletricidade. Viu, então, Heitor, que Alassan estava não mais à esquerda, senão que ao centro, mais longe e, ele teve certeza absoluta, no alto, levitando– suspenso no espaço. Estupefato com o que vira, empertigou-se na cadeira para se certificar da visão. Mas ele não estava mais à esquerda, nem ao centro, ao alto, porém à direita. E ninguém a isto notou, eis que a volta quase instantânea da luz lembrou aos presentes que a hora de dormir havia chegado. Assim, a reunião acabou com Alassan deslocando-se, com o seu banco, da direita do semicírculo em direção à cozinha. Heitor, perplexo, ficou parado por instantes até que considerou ter-se enganado, já que ninguém comentou nada, e foi dormir também”.

Richard Wright vai chegando ao fim de sua jornada em Gana. Recolheu muita informação, fez avaliações e estará pronto para oferecer uma receita pronta ao homem que liderava o magnífico processo político que levaria à independência da Costa do Ouro e, pelo exemplo e por ação direta, de várias outras nações, naquele momento, ainda, colônias de países europeus. É uma carta onde inicia dizendo:

“Minha jornada terminou. Minha seara em tua vinha chegou ao fim”. O navio que me carrega das praias vazantes da África leva um coração que luta contra esses suaves, sentimentais sentimentos quanto ao sofrimento de nossa gente. Todavia, o tipo de pensar que necessita ser empregado, não pode ser feito por pessoas cujos corações estejam mergulhados na emoção”.

Mas, antes que vejamos a íntegra de sua carta a Nkrumah, participemos das emoções finais desse sensível escritor, antecedendo as que eu teria, em Dakar, visitando a Ilha de Gorée. Nós, em Gana, no castelo de São Jorge da Mina, o *El Mina*. O formidável castelo, com toda a simbologia que carrega, gerador do qualificativo de homens que por ali passaram a caminho das Américas – os negros Mina.

“Cheguei ao Elmina bem no momento em que o sol se punha e seus longos raios vermelhos iluminavam assustadores muros do castelo, de uma sombria, porém resplandecente majestade. É de longe o mais imponente dos castelos que se encontram ao longo das praias da Costa do Ouro. Construído originalmente pelos portugueses em 1482, com pedras pré-talhadas em Portugal, é isolado por uma ponte levadiça que,

quando erguida, evitava qualquer ataque, tanto dos nativos quanto dos europeus, naqueles dias.

Atravessei o imenso pátio e cheguei à sala dos leilões, onde um sem número de escravos foram vendidos. O comprador havia de ser esperto a fim de escolher um bom escravo, pois os traficantes eram vigaristas. Rapavam a cabeça dos africanos; lustravam seus corpos, fazendo o doente aparentar vigor. Estive no minúsculo cubículo, com pequenas fendas nas paredes. Este era o local onde os chefes africanos se escondiam, observando aqueles que haviam capturado serem vendidos para os europeus. Os chefes não queriam que as vítimas soubessem quem os vendia... Eu vi as masmorras onde mantinham os escravos - imensos salões desnudos com pisos de pedra.

Ninguém jamais saberá o número ou a identidade dos seres negros - homens, mulheres e crianças que foram contidos nessas paredes; mas não há qualquer dúvida de que aos homens envolvidos nesse comércio de carne humana desfrutavam de riqueza. Ainda hoje, o castelo mostra restos da ostentação antiga: soleiras de portas em mármore; espaçosos recintos que, na primeira olhada, tem-se certeza que um negro jamais ali esteve. Os poderosos canhões que ainda apontam na direção do horizonte e da brumosa paisagem devem ter custado sacos de pó de ouro. A simples manutenção do castelo deve ter exigido de seus administradores uma fantástica rotação de estoque de carne humana, a cada ano.

Algumas das paredes têm quase um metro de espessura. Atalaias erguem-se a sessenta metros do solo. Que sonhos vastos! Que fé augusta! Quão elegantemente o castelo se assenta. Que linhas arrojadas! Que, sem dúvida, gosto! O rei Prempeh I foi mantido pelos ingleses numa ampla e desnuda sala, em uma das torres. Quando nessa sala, fiquei pensando o que se teria passado por sua mente... O quanto deve haver rezado por ajuda de seus antepassados!

O rumor entre os nativos é da existência de um vasto tesouro nas profundezas da fortaleza. Não creio que exista; mas os nativos, lembrando-se das terríveis histórias do que se passava entre aqueles muros, gostam de pensar que há pó de ouro; milhares de toneladas. Se existe um tesouro escondido dentro dessas largas paredes, estou certo de que têm o resplendor que ofusca o ouro - uma minúscula, qual pêra, lágrima que se formou no rosto de alguma negra, apartada de seus filhos; a lágrima que lampeja ainda hoje, percebida nos fracos raios que iluminam o calabouço - uma lágrima assustada que se esvai à aproximação dos passos, mas que reaparece quando a quietude se impõe, sustando ali, naquele rosto negro, não redimido, intranquilo - uma lágrima que foi apressadamente enxugada quando seu braço foi agarrado e ela foi encaminhada através daqueles estreitos, úmidos degraus que a endereçavam para o túnel que forçava seu andar no rumo do navio que a carregaria através do bravio, brumosa-tumba, Atlântico...

Alguns anos após minha última estada no Elmina, decidi por fazer ficção sobre um fato trivial: eu ficara um bom tempo, por acidente, trancado numa das masmorras do Elmina. Escrevi o conto com o nome do castelo e, de seu teor, transcrevo a parte três:

Cinco anos se passaram do dia em que se tornou prisioneiro no elevador da escola. Nesse período, sua biblioteca foi progressivamente recebendo obras relativas ao tráfico de escravos. Comprava-as, muitas em suas viagens, especialmente quando esteve na Inglaterra, onde adquiriu livros de raro valor cultural e técnico. Os sebos foram grandes fontes de abastecimento. Recebeu outras, através de contatos com colegas de magistério, residentes no exterior. Em cinco anos passou a ter uma excelente seção, dentre seus livros didáticos, voltada para aquilo que se constituía em nova paixão.

Então o destino, incorporado num de seus trabalhos científicos, que foi parar em Gana, fez-lhe chegar às mãos o convite da FAO para ir proferir uma série de conferências na Escola Técnica de Agricultura de Cape Coast, na, outrora, Costa do Ouro..

Como chegou numa tarde de sábado em Acra, seus anfitriões organizaram, já para

o domingo, um passeio fora da capital.

A excursão, rotineira para os agrônomos que o recebiam, tinha por alvo a agradável costa marítima do país. Como acolhiam um brasileiro, incluíram no grupo Isaac Ephson.

Seguiram em direção à Mina.

- À Mina? - Indagou Tupinambá.

- A Mina! - foi enfático Ephson. E demonstrando o humor que possuía, e os conhecimentos de suas aulas, indagou ao brasileiro:

- Você não viaja, também, com a sugestão que Dom João, o terceiro, passou para Lopo Soares?

- E qual foi? - indagou um Tupinambá seestroso, cercado de novos e, parecia, formais colegas.

- Diz a história, começou a explicar Ephson, que saindo de férias o auxiliar e amigo do monarca, ao despedir-se, beijando-lhe a mão, ouviu o comentário real que lhe dizia: "Soares, estou te mandando para a Mina. Não sejas tolo a ponto de voltar de lá ainda um homem pobre".

Tupinambá riu por cortesia. A repetição, entretanto, da história para os locais teve efeito hilariante. O conto, em verdade, encerrava parte da amargura com que gerações de africanos viram a presença dos europeus em suas terras. E o historiador queria que o brasileiro se associasse a esse sentimento. Ephson, um historiógrafo, juntou-se ao grupo de agrônomos especialmente para tornar agradável a excursão com o professor brasileiro.

Antes de saírem da capital, rumando para a costa atlântica, passaram em frente ao Castelo de Christiansborg, transformado em sede do Governo do país, e ao Forte de Ussher, ambos construídos pelos holandeses, na segunda metade do século dezessete. Ussher, hoje com o nome francês de Crêve-Coeur, é uma casa correcional.

Ao longo da costa, Ephson foi mostrando, e descrevendo, com detalhes, o rastro deixado por portugueses, franceses, ingleses e holandeses, na defesa, cada um a seu turno, das terras de que se apoderaram. Passaram por seis castelos, trinta e quatro fortes e vinte e quatro estalagens - ou as ruínas que deles ainda restam - parte do sistema implantado pelas potências colonialistas, de defesa, contra outros europeus, das riquezas que alternadamente espoliavam.

Cruzaram por Cape Coast, local onde Tupinambá iniciaria, já na segunda feira, suas conferências. Ali estava, desde 1662, o forte que deu nome ao local. Transitaram apenas ao largo desse castelo, deixando para que, se desejasse, o visitasse noutra oportunidade, haja vista que estaria na pequena cidade por algum tempo.

No início da tarde, viram desfilar uma miríade de vilas de pescadores. Fizeram várias paradas para tomarem água-de-coco, e os professores comprarem, à margem das estradas, coisas como caranguejos, vendidos em pencas, laranjas, bananas-da-terra, enormes, em cachos, e até um preá morto. Ingressaram num vilarejo, e Tupinambá, boquiaberto, foi vendo o carro afastar uma multidão, que se deslocava pelo meio da rua, seguindo um féretro. Homens levavam nos ombros, e sobre a cabeça, perseguindo o ataúde, caixas de bebidas. Moviam-se todos no ritmo que impunha uma banda de metais e percussão.

Chegaram ao que pareceu ser um braço de mar, transposto por uma ponte de madeira, por sobre a qual passaram com seu automóvel.

- Estamos em Elmina - a Mina, esclareceu Ephson.

- As leituras de Tupinambá não permitiram que a informação fosse uma grande surpresa, senão a oportunidade de ver o local de origem da expressão que tanto ouvira - negros Mina.

Os portugueses, explicou Ephson, construíram o portentoso castelo, ponto de chegada de seus navios, que vagavam pelo mundo, trilhando os caminhos que os navegadores lusos iam desbravando, tinham por objetivo maior recolher da região seu ouro. E nada como construir algo grandioso, digno da potência Portugal, e capaz de espantar a cobiça dos rivais europeus de então. Construíram, pois, o castelo de São Jorge da Mina, que veio a se transformar, na troca de donos - holandeses a seguir, e ingleses por último - no Elmina Castle, dando nome, da mesma forma, ao povoado que o envolve, junto com o mar.

Tupinambá ouviu histórias, como a da última noite que Pedro Álvares Cabral passou em terra, ali no castelo, antes de chegar às costas americanas e descobrir o Brasil.

Como um menino encantado, Tupinambá foi passando de uma para outra câmara; de um refeitório para um dormitório.

– Este é onde Cabral dormiu. – Disse Ephson com entusiasmo.

Passou por prisões, solitárias, praça-d'armas, cantinas; examinou instrumentos de tortura, grilhões e suas bolas, que se amarravam aos tornozelos dos escravos. Permitiu-se ser fechado num cubículo de tortura, sem luz e quase sem ar, para sentir ele próprio reações que outros seres, séculos atrás, haviam experimentado. E não entrou em pânico, esmagando sua claustrofobia latente. As mãos que o fecharam no escuro, em instantes voltaram a abrir a cela onde se metera. Gentis, cheios de explicações, os professores – cada um escolhendo certo detalhe – externavam seu pesar pelo que os europeus haviam imposto aos africanos.

Então aconteceu.

Foram só dois minutos, o tempo em que os agrônomos ganenses deixaram o colega brasileiro sozinho num imenso salão. De pé direito elevado, contava, em alguns pontos, quase encostados ao forro, respiros que deixavam entrar limitada porção de ar. No chão, valetas que corriam em toda do ambiente, consituíam-se em canais de coleta e drenagem da urina e fezes líquidas. Ainda no piso, o que sobrara de grilhões de ferro que o tempo, a maresia e a pilhagem não haviam consumido. O salão contava com duas portas, apenas: entrada, uma, ensinaram-lhe. A outra era a do caminho sem volta. Desembocava, essa, num embarcadouro por onde, arrastando suas correntes e vendo lançado ao mar o que sobrava de sua dignidade, adentravam os tumbeiros.

Tupinambá via o salão, desta feita ajudado pela iluminação fraca que a saída para o mar, hoje sem porta, assegurava, deixando passar a luz em tons de púrpura, de um sol que se punha.

Aí, fez-se real, por completo, nos tons de preto e cinza, o painel que sua imaginação, cinco anos atrás, reunindo pontos isolados, compôs: as pedras do chão eram as mesmas que suas mãos tatearam séculos atrás; o ruído do mar quebrando na costa e chocando-se contra as paredes do Elmina era o mesmo ouvido pelas sucessivas gerações que por ali passaram, quase todos oprimidos pelo medo do desconhecido, pela angústia do estar sozinho e pela sensação onipresente da iminência de perder tudo. Seu olfato, que, do passado, apenas registrava o odor da maresia e mofo, era incapaz de encontrar rastros do cheiro das pessoas que não mais se encontravam ali. Veio, de memória, como numa lufada única e terrível, o cheiro horripilante de humanidade.

O homem e a mulher, que nunca os viu, sentiu-os intensamente, como então. Suas vozes plangentes vieram à sua mente, naquele instante, de um passado remoto, mas não imemorial.

Iluminou-se em Tupinambá um detalhe.

Compreendeu, no momento em que seus colegas retornavam para encaminhá-lo a outro sítio do castelo, que o homem e a mulher, de seu encontro fantástico, cinco anos atrás, falavam exatamente como faziam, na sua infância, dois velhinhos com quem, embora tenha convivido pouco, o marcaram sobremodo: seus longevos bisavós.

A despedida de Richard Wright

"Prezado Kwame Nkrumah:

Minha jornada terminou. Minha seara em tua vinha chegou ao fim³⁸". O navio

38 - Parece ecoar, lá de sua infância, no sabá da igreja protestante que freqüentou, idéias de Eclesiastes 2:4 e seguintes.

que me carrega das praias vazantes da África leva um coração que luta contra essas suaves, sentimentais ternuras quanto ao sofrimento de nossa gente. Todavia, o tipo de pensar que necessita ser empregado, não pode ser executado por pessoas cujos corações estejam mergulhados na emoção.

Que enquanto perambulava ininterruptamente pelos mercados, bairros, vilas e cidades de seu país, eu senti uma estranha espécie de familiaridade; uma solidariedade que se originava não de laços de sangue ou raça, ou de ser eu descendente de africanos, senão que pela qualidade de profunda esperança e sofrimento incrustados na vida de sua gente, dos duros registros de opressão que atravessam o tempo, espaço e cultura. Devo confessar que eu, um negro americano, me senti tomado de consternação com o que a Europa fez com essa África...

Ainda, sombria como é a imagem, sua lugubridade é de certa forma aliviada pelo fato de que as condições na África não lhe são exclusivas. O sofrimento que seu povo experimenta foi suportado triunfalmente, antes, e seus compatriotas compartilharam essa penosa experiência de ter seus destinos ditados por forças alienígenas, do alto, uma experiência que juntou tantos dos milhões no mundo numa consciência comum, uma causa comum.

Kwame deixe-me ser franco: círculos laicos e acadêmicos do Ocidente, muitos, têm serias restrições à África. Ao defender sua subjugação, argumentam que aí não existe cultura, nem história³⁹, nem conhecimento etc. Não estou impressionado por esses personagens, laicos ou acadêmicos. Em matéria de História têm estado, comumente, mais errados do que certos - e mesmo quando acertam, tem sido comumente por acidente. Ou mostram-se acertados apenas após os fatos haverem sido tão claramente estabelecidos que nem mesmo um idiota poderia errar.

Eu encontrei apenas um intangível, porém vitalmente importante elemento na herança da cultura tribal que milita contra a coesão de ação: A cultura africana não desenvolveu a personalidade do povo até um nível em que seus egos sejam resolutos, sólidos, nitidamente definidos; há muita nebulosidade na mentalidade do africano, uma espécie de embrutecida imprecisão que gera, pela falta de confiança, uma ausência de objetivo; que torna essa mentalidade incapaz de ansiar pelo mundo do trabalho diário. E até que confiança seja estabelecida no âmago da personalidade africana, até que haja uma reorganização interior dessa personalidade, não haverá como marchar da ordem tribal para o século vinte... No momento, essa tarefa subjetiva é mais importante do que Economia! Claramente, como em todas situações similares, o início da inoculação de tal confiança deve vir do exterior, mas não deverá, nem virá do Ocidente (Esperemos que eu esteja, aqui, errado!)

Não tenho ilusões quanto às atitudes do Ocidente. Ocidentais, importantes ou não, consideram que seus códigos, ideais e concepções de humanidade não se aplicam aos negros. Se até hoje a África manteve-se estática, assim ocorreu por que os europeus, deliberadamente, desejaram que assim ficasse. Nem tratam a questão da redenção africana com seriedade; para eles é fonte de diversão; e uns poucos europeus que conseguem apresentar-se com seriedade quanto à África, o fazem mais por razões psicológicas, do que outras quaisquer. O grande fardo na canga da África, nos passados trezentos anos, têm sido os europeus, psicologicamente deficientes em busca de sua salvação, perversa e pessoal...

Contra este pano de fundo um refrão ecoa repetidamente em minha mente: Você tem de ser inflexível! Enquanto na África, uma questão mantinha-se a martelar-me: Tem o africano a necessária inflexibilidade para o que lhe aguarda adiante?

Se o rumo que você e seu povo houvessem de trilhar fosse um antigo e já experimentado caminho, aquele usado e de alguma forma amaciado pelo andar de muitos povos; houvesse a Europa, durante os séculos passados, lidado com os africanos diferentemente; houvessem eles lançado os fundamentos do Ocidente tão seguramente que os africanos pudessem agora valerem-se dos valores ocidentais como assunção

39 - Ao fim, como anexo, está trecho de Ébano- Minha vida na África, relativo aos Europeus e a África.

básica - houvesse isso acontecido, a questão da "inflexibilidade" eu não a teria notado. (Eu sei que alguns europeus irão dizer: Olha! um negro defendendo medidas duras para a África! Eu já não havia dito que o que eles necessitavam era isto mesmo!) Mas, Kwame, a verdade é que nada poderia ser mais brutalmente horrível do que "devagar e perfeito" desenvolvimento educacional que transformou numa espécie de tortura enganadora, a qual a Europa impôs tão lucrativamente sobre a África, desde o século quinze...

A consumação dessa mudança na atitude do africano será difícil sob as melhores circunstâncias; mas para atingir esse objetivo numa África cercada por um viscoso tribalismo apresenta-se um problema formidável: o legado psicológico de imperialismo que tarda em ir embora, representa a antítese de um ansiado fim; diferentemente das situações que provocaram o levante das massas na Rússia, China e Índia, vocês não têm africanos ocidentalmente educados em seu meio; quanto à mecanização, vocês têm de começar do nada; vocês têm uma população que abriga noventa por cento e analfabetos; comunicação e transporte são precários...

Sopesando esses obstáculos, existem alguns elementos favoráveis: A África do Ocidente, graças a seu clima, é predominantemente negra! Você pode fazer uma libação às suas inomináveis forças pela inexistência de colonos brancos para expulsar; de graves problemas fundiários para serem resolvidos, e ter de enfrentar uma burguesia rural negra. E, embora as tradições culturais das gentes hajam sido destroçadas por interesses comerciais e religiosos dos europeus - o foram de forma tão negativa que a ânsia de criar um Weltanschauung⁴⁰ ainda permanece virginal e latente. Se, em meio a tais condições, você elege, nestes dias tão já avançados na história do mundo, seguir os caminhos da evolução social e política como as que caracterizam a história de instituições das potências ocidentais, seu progresso se desenvolverá no andar de lesma, e ambos os seus flancos estarão constantemente expostos e ameaçados.

Por um lado, na medida em que você se organiza contra os ingleses, outros Nkrumahs se organizarão contra você. Aquilo que Nkrumah pode fazer, outros Nkrumahs também poderão. Você fez promessas para as massas. Eu sei que no fundo de seu coração, você quer, ardentemente, honrar o prometido, pois você é sincero... Suponha, entretanto, que os comunistas superem você? Suponha que um quadro negativo se estabeleça no país? Isto não daria aos comunistas sua vez?

De outro lado, não posso, como alguém de sangue africano, criado no Ocidente, recomendar, de boa fé, as inquietantes doutrinas e promessas de seus carrancudos homens. Kwame, até que hajam organizado suas próprias casas, ordenando suas populações inquietas; até que hajam resolvido seus problemas raciais e econômicos, jamais poderão - não importa o que possam dizer-lhe, em qualquer momento! - tratar-lhe honestamente. Dada a chance, vão lançar-se, a qualquer momento, sobre a África para resolver seus angustiados problemas sociais e políticos, da mesma forma que, você bem sabe, o fizeram no passado. Ainda, estou convencido que o condicionamento cultural dos africanos tornará difícil ajustarem-se rapidamente a valores que são únicos do Ocidente, valores que os escarneceram e envergonharam tanto, no passado; valores que se opõem tanto à natureza do coração africano... Além do mais, você já transitou por este caminho.

Sua proteção, sua segurança reside em arrancar à toda a velocidade!

Mas como? Que métodos? Meios? Que auxílio? Ai! Há que apagar... As neuroticamente alvoroçadas abordagens dos missionários; a lascívia por dinheiro, dos comerciantes; o frio desdém dos soldados e políticos europeus; o grosseiro cinismo dos estadistas, separando famílias, culturas e nações a seu bel prazer. Todos deixaram a tarefa de redenção da África, para você e os seus; para nós... E que tarefa! Que desafio! Que oportunidade para criação...!

Uma singela convicção eu tenho: Tem-se que fazer nossa gente adentrar em

40 - O conceito de *Weltanschauung* pode ensejar a distinção entre uma apreensão orgânica do mundo, característica da religião, e um conhecimento meramente teórico, próprio à ciência. Ou noutra definição: *Weltanschauung*, palavra de origem alemã que significa, literalmente, visão de mundo ou cosmovisão.

marcha batida no século vinte! O rumo de suas vidas, os deveres que deverão atender para superar a estagnação do tribalismo, os sacrifícios que precisam ainda ser feitos - tudo isto precisa ser posto sob uma firme disciplina social!

Digo-lhe pública e sinceramente: O peso desse sofrimento a ser penado, deve ser imposto sobre uma geração! Com a falsa candura dos missionários e comerciantes, não arraste essa agonia por outros quinhentos anos, enquanto suas vilas se deterioram e a mente de seu povo se afunda num pantanal de escuridão subjetiva... Seja misericordioso agindo com firmeza! Se eu vivesse sob seu regime, eu clamaria por essa firmeza, essa frieza...

Não se engane, Kwame, eles irão lhe procurar falando em democracia; você será pressionado e alertado sobre decência; se homens rechonchudos sussurrarem frases acadêmicas sobre desenvolvimento "confiável"; cavalheiros bem vestidos falarão untuosamente sobre valores e padrões; resumindo, uma barragem de argumentos concentrados será lançada à sua frente para convencê-lo a moderar a andada e conduzir seu movimento...

Mas você sabe tanto quanto eu que a lógica de seus atos é determinada pelas condições de vida de seu povo. Se, por um momento, você se desliga desse fato, você em seguida será mais um africano, vestindo terno, pelas ruas de Acra! Você precisa encontrar seus próprios valores... Acima de tudo, sinta-se à vontade em improvisar! O gato político pode ser insensível de muitas formas; a construção de uma ponte entre o homem tribal e o século vinte pode ser feita de muitas maneiras...

Você pode oferecer ideologia como um instrumento de organização; todavia, evidentemente, você não tem base para isto na África, neste momento. Você pode, em tomando empréstimos do Ocidente, industrializar seu povo num sistema de paga e leva, mas, em assim agindo, você estará apenas erguendo-o do estado tribal para a escravidão industrial, por que atado ao dinheiro do Ocidente está o controle ocidental de idéias... Kwame, não há nada no mundo mais aterrador do que um milhão de dólares; e se um milhão significa medo, um bilhão é a quintessência do pânico...

A Rússia não lhe vai ajudar, a menos que você aceite tornar-se um apêndice de Moscou; mas por que você trocaria um conjunto de padrões brancos, por outro...?

Só existe caminho honrada que compreende e responde às necessidades ideológicas, tradicionais, de organização, emocionais, políticas e produtivas da África neste momento:

A VIDA AFRICANA NECESSITA SER MILITARIZADA⁴¹!

... Não para a guerra, mas para a paz; não para destruição, mas para o serviço; não para a agressão, mas para a produção; não para o despotismo, mas para mentes livres das coisas tolas.

Não estou falando de uma ditadura militar. Você bem sabe. Aliás, nem necessito esclarecer-lhe isto - mas o faço para outros que procurarão, ingenuamente, dar um sentido falso às minhas palavras. Estou falando simplesmente de militarização do dia-a-dia do povo; estou falando em dar forma, organização, direção, significado, e senso de razão para essas vidas... Estou falando em disciplina temporária que unirá a nação, removerá as teias tribais, e colocará um pé das massas sobre as bases de realidade. Não estou falando em armamento e polícia secreta; falo em um método que implique em retirar o povo de certa ordem de vida, fazendo-o encarar aquilo que os seres, em qualquer lugar, têm de encarar. Aquilo que os europeus falharam em fazer, ou não quiseram executar, temendo prejudicar seus lucros e posição imperial, você deve fazê-lo.

Mais que tudo, os africanos devem ser arregimentados para o "longo estirão", pois o que acontecerá na África irá se propagar por décadas, no tempo e um continente em espaço... Você sabe tão bem quanto eu que o que aconteceu na Costa do Ouro é apenas o início; haverá muito vai-e-vem; haverá muita divisão e amalgamação na população; haverá muitas mudanças de objetivos, perspectivas e ideologias - haverá

41 - A história diz que Kwame Nkrumah viria a ser a primeira vítima da militarização da África, posto que nove anos após a Independência, em 1966, foi derrubado por um golpe-de-Estado concebido pelos militares. Depois, outros golpes marcaram a infante história de Gana. E ele não havia seguido o caminho da militarização, de que fala Wright.

muita confusão antes que a redenção final da África seja conquistada.

Minha fala soa gratuitamente dura, cruel? Como eu gostaria de não ter de pensar em tais medidas! Todavia, o que poderia tornar essas iniciativas desnecessárias? Apenas um Ocidente que tomasse a dianteira de declarar que não cumpriu sua missão, e que a tarefa tem de ser executada, e que estaria disposto a ajudá-lo... Contudo, não posso conceber o Ocidente agindo dessa maneira, mesmo que o consenso histórico, moral e material, siga nesse rumo. Em sua luta contra o comunismo, a Europa poderia juntar a África a seu lado por meio de atos de ajuda e compreensão... É certo, quando se sugere isto para os ocidentais, encolhem os ombros e dizem que ordenaram o desenvolvimento africano de acordo com suas concepções do que a África pode fazer; todavia, em dizendo isto, esquecem que não são livres para condescender em tais fantasias. O tempo ocidental tem sido medido por outra forma de tempo: Tempo comunista! Parece que a saída da autopreservação por si só despertará os europeus de seus sonhos infantis a respeito da África.

E em troca por ajudar africanos honestos a tirar seu abandonado povo dos laços tribais, o Ocidente poderia ter a matéria prima de que necessita - um amplo mercado para seus produtos... E uma África deliberadamente sacudida e livre de seu passado tradicional, por um tempo, será uma África mais dependente do que a ressentida, sem propósito, de nossos dias. Tal África poderia ameaçar a ninguém.

Por que trago a questão "ameaça"? Por que o mero pensar numa África livre atemoriza os europeus. Esses não podem e não desejam olhar a África objetivamente. Por trás de seu temor de uma África livre se assenta um oceano de culpa! Em seus corações sabem que há muito tentaram aniquilar a África... E essa poderosa Europa, com poder atômico nas mãos, é assombrada por visões de uma final revanche dos negros, que não tem base na realidade. É o fato subjetivo, dentre outros, que torna o Ocidente brutalmente determinado a manter a África com rédea curta...

Virá o Ocidente adiantar-se e liderar essas revoluções nacionalistas no continente? Não, isto é sonhar. Se isto ocorrer, serei o primeiro a saudar. Posto, entretanto, que não podemos esperar por miragens, voltemos à realidade... Ou seja, a militarização da vida africana.

A base, concreta e tradicional, para a militarização da vida africana já está aí numa estrutura tribal truncada. A justificação ideológica para tais medidas é simples sobrevivência; militar é senão outro nome para fraternização, para coesão. E uma estruturação militar da sociedade africana pode ser usada, enfim, para defesa. Mais importante do que tudo, uma forma militar da sociedade africana atomizará o passado feiticista, abolirá o místico e destituído de sentido relacionamento familiar que congela a África em sua degradação estática. Isto tornará impossível a continuada existência de chefes parasitas que há muito sangram e enganam um povo ingênuo; é o único empurrão que pode projetar, imediatamente, o africano no século vinte!

Mais que tudo, sendo um meio de produção, uma estrutura social militarizada pode substituir, por um tempo, a política; e ela contém sua própria forma de sustentação idealística e emocional. Uma forma militar de vida, de relações sociais, usada como uma ponte deliberada para transpor os caminhos de vida tribal e industrial, liberará você, em grande parte, de implorar por recursos do Ocidente, e a condição degradante que se adere a tais recursos financeiros. Uma forma militar de vida lhe assegurará usar o povo ao invés do dinheiro para muitas coisas e em diversas ocasiões. E se seu povo sabendo que tal regime militar objetivava a independência, para sua segurança, para o bem de seus filhos, escapando da dominação de estrangeiros, fará todo o sacrifício que lhe for solicitado.

Repito: Venha o Ocidente a compreender e generosamente tornar essas recomendações fúteis... Mas se a opção é entre a dominação tradicional ocidental e este duro caminho, siga este!

Acautele-se com esse Projeto Volta⁴² erigido com capital estrangeiro.

42 - O Projeto Volta é o complexo que seria, e foi, implantado no Rio Volta, com a formação de um imenso lago e a construção da grandiosa barragem hidrelétrica de Akosombô.

Construa seu próprio Volta, fazendo-o com as vidas e corpos simples de seu povo! Com limitado auxílio externo seu povo pode reconstruir sua sociedade só com suas próprias mãos... A África necessita dessa resistência, mas apenas vinda dos africanos.

Você sabe bem como eu que política somente não é o bastante para a África. Mantenha as chamas da paixão ardendo em seu movimento; não permita que ocidentais afastem-no da única força que pode, neste momento, manter seu povo junto. É uma religião secular que você, aos poucos, necessita criar; age assim ou sua construção se esfacelará.

Haverá aqueles que tentarão assustá-lo, dizendo que a organização que você estará estruturando parece comunismo, fascismo, nazismo. Porém, Kwame, a forma de organização que você necessita será ditada pelas necessidades emocionais e materiais de seu povo. O conteúdo determinará a forma. Nunca jamais deverá o mundo exterior ditar o que é bom para você.

No que concerne à corrupção, use fogo e ácido para cauterizar os escalões de seu partido em todas as oportunidades! Agora! Corrupção é o fato único que injeta desânimo nos corações dos que amam a liberdade da África...

Em suas mãos reside o primeiro lance para a liberdade e independência. Até aqui, você seguiu um caminho africano. Eu digo: que assim seja! Seja lá o que ofereçam o Leste e o Oeste, aceite, mas não os deixe que o possuam. Você escolheu o marxismo, esse instrumento intelectual que torna com sentido a classe e utilitária as relações no Estado moderno; mas no instante em que tal instrumento cessa de ter sentido, afasta-o. Resumindo: seja livre, seja a viva incorporação daquilo que você deseja dar a seu povo...

Você e seu povo não necessitam qualquer "pátria", tanto na Inglaterra quanto na Rússia para norteá-los e estimulá-los; deixe seu próprio destino reivindicar sua mais enraizada lealdade. Você escapou de uma forma de escravidão; seja cauteloso quanto a outras formas de escravização, seja em que modelo elas se apresentem - idéias brilhantes; promessas de segurança ou ricas hipotecas de seu futuro.

Não será possível evitar por completo certo grau de sofrimento, de experimentação, de agitação; sofrimento atinge a todos os povos, mas você tem em suas mãos o poder de transformar o sofrimento do seu, algo que vale a pena, ou seja, remir toda e qualquer tensão e esforço que possam vir. Ninguém, senão a África pode fazer isto para si mesma. À medida que você dá partida em seus corajosos programas, e você conclama seu povo para o sacrifício, você pode ter certeza de que existem homens livres pelo continente africano que têm conhecimento de vida o bastante para saber e compreender o que você deve fazer; o que você deve impor...

Você demonstrou que as tribos podem ser organizadas; você deve agora mostrar que as tribos podem marchar socialmente! E lembre-se que aquilo que você construir se transformará num céu para outros líderes negros do continente que, de tempo em tempo, anseiam por se livrar de seus atormentadores. Reúne em seguida, à sua volta, os líderes africanos; você necessita deles e eles precisam de você. A Europa bem sabe que aquilo que você já conseguiu não ficará restrito às fronteiras da Costa do Ouro. Neste momento, espalhou-se além e, enquanto a influência de seu lance para a liberdade continuar a inspirar seus irmãos em meio as luxuriantes florestas da África Ocidental, você pode estar certo que a bola da Independência que você arremessou, ainda estará em jogo...

Com palavras como nossas armas, existem poucos de nós que se manterão nas trincheiras para rechaçar os malfeitores, os caluniadores, os gananciosos, os autovirtuosos! Você não está sozinho...

Sua luta já foi travada antes. Sou um americano e meu país também foi no passado colônia da Inglaterra... Foi o vetusto Walt Whitman que sentiu o que você e seus irmãos de luta sentem agora quando disse:

**Eis que, fora de seu antiquado e letárgico covil, o
[covil dos escravos,**

**Como raio ela⁴³ adianta-se, meio assustada de si
[mesma,
Seus pés sobre cinzas e farrapos – suas mãos
[cerradas às gargantas de reis.**

Oh esperança e fé!

Oh sofrimento de exiladas vidas de patriotas!

Oh muitos doridos corações!

Voltem-se a este dia, e renovem-se.

E vocês, pagos para aviltar o Povo!

Vocês mentirosos, assinalem:

Não por agonia sem conta, mortes, luxúria,

Por trapaças legais em suas diversas mesquinhas

[formas, carcomendo a paga do pobre, por simples.

Para muitos promessa jurada por lábios reais, mas

[rompida e escarnecida quando da ruptura.

**Assim, por seu poder, apesar de tudo, os golpes não cunham revanche, nem caem as cabeças dos
[nobres;**

O Povo desdenha a ferocidade dos reis.

A carta de Richard Wright a Kwame Nkrumah, se efetivamente um dia chegou às suas mãos, deve tê-lo, no mínimo, chocado.

O que se pode dizer do povo de Gana, sem o defeito que generalizações geralmente carregam, é ser um povo polido. Exacerbado é o seu freio de não ofender, de não magoar, com palavras, ações ou, mesmo, gestos, as pessoas com quem interagem. Os jovens, já nas escolas de segundo grau, começam a experimentar o tratamento deferente com seus colegas mais antigos e absolutamente formal com seus professores e servidores das escolas. Referem-se a seus colegas de trabalho como *mister*, às esposas como *missis*. No relacionamento diuturno, está presente sempre a preocupação de não ofender, de medir as palavras – escolhe-las, cada uma e a todas no contexto, para que não haja mal-entendidos, para que no ambiente paire um ar de cavalheiros. A interferência, na conversa, no pensamento antagonista, se dá emoldurada numa preocupação de evitar a invasão indevida; há que ser pedida licença para discordar. Se isto é herança do colonizador é pouco relevante, no contexto de que eles assim agem. Há outros países que foram também colônias dos ingleses, nem por isso comportam-se como o fazem os de Gana.

No período que posso considerar como longo que andei por Gana, no início, quando carregava apenas meu cartão de visitas, de advogado, jovem advogado, portanto, com um “doutor” antes do nome, foi o bastante para que por anos seguidos ficassem, mesmo alguns próximos, a me tratar pelo título, seguido de meu sobrenome, popular naquela parte da África – Dacosta. Foi aos poucos, muito aos poucos que foram mudando de atitude e finalmente me batizaram com o nome do dia da semana em que, supostamente, eu teria nascido – Kofi, o das sextas-feiras. A distância que postam o comum dos cidadãos de uma autoridade constituída, naquele país, é uma verdadeira fossa abissal. A vestimenta de um juiz, com a beca preta e uma peruca branca, mais do que imitar as cortes do colonizador, está a indicar a autoridade daquele que veste a beca e usa a peruca. Talvez somente em casa, com sua mulher, será ele tratado de Kofi, Kwame ou Kwakw. Mesmo dentre seus amigos, nos encontros informais, será tratado como meritíssimo. Gana é assim. Um país rigorosamente formal.

Fiz intensas pesquisas para saber se o Primeiro-ministro havia recebido a carta. Se a tinha lido. Se lido, a havia comentado ou respondido. Não consegui nada. Falei com meu amigo Afriyie – ao tempo da visita de Wright, ele era estudante secundário e sem interesse especial por política. Disse-me não saber de nada a respeito. Mas como resumi o teor da carta, por telefone, disse-me que dificilmente o Primeiro-ministro teria tido acesso à missiva, em tempos difíceis como aqueles.

Peter Abrahams⁴⁴, um sul-africano que se encontrou com Wright em Acra, registra algo que pode

43 - O trecho é do poema: *Europe: The 72d and 73d Years of These States*, de Walt Whitman (N: 31 de maio de 1819 – M: 26 de março de 1892). Poeta, ensaísta, jornalista humanista americano.

ter influenciado a carta de fim de livro. Diz Abrahams⁴⁵:

"Richard Wright surpreendeu-se ao saber que, mesmo africanos educados, com consciência racial, pessoas letradas, nunca haviam ouvido falar a seu respeito e, mesmo, ao encontrar-se com ele, não compreendiam como alguém poderia viver só de escrever e, mais, que tipo de escrita dava recursos para que pudesse sustentar sua família. E Wright arrematou para mim: 'Eu realmente desejava entender o africano, mas constatei ser o africano um ser evasivo, difícil de compreender'.

Este mesmo Peter Abrahams, que junto com outros líderes africanos, nas décadas de 1940 e 1950, agiam em Londres na busca da independência de seus países, conta uma história relevante, para compreensão de Nkrumah e incompreensão de Wright. Diz Abrahams:

"O presidente de nossa federação era um africano do Leste, chamado Johnstone Kenyatta, o mais desconfiado, sofisticado e ocidentalizado dentre nosso grupo. Kenyatta desfrutava a amizade de alguns dos mais importantes personagens da política inglesa e da sociedade intelectual britânica. Ele era sutil, sutil o bastante para atacar azedamente os princípios de alguém, mas apesar disto manter a amizade. Ele combatia os ingleses como imperialistas, mas os considerava amigos. Foi a este equilibrado e extremamente culto homem que Francis Nkrumah propôs uma forma de sociedade secreta, a ser chamada The Circle (O Círculo), para a qual cada um de nós deveria verter uma gota de seu sangue e depositá-la num receptáculo, fazendo assim um juramento de sangue, de segredo e dedicação à emancipação da África.

Johnstone Kenyatta riu da idéia; zombou ante seu infantil juju. Kenyatta concebia nossa luta em termos modernos, do século vinte, sem qualquer ritual de sangue sem sentido. Por isto, Francis Nkrumah afastou-se de nós, e iniciou seu próprio pequeno grupo da Costa Oeste, em Londres. Éramos por demais domesticados e lentos para ele, um jovem zangado com pressa".

Estou encerrando este ensaio, um registro a que me vi compelido fazer, após a leitura de *"Black Power – A Record of Reactions in a Land of Pathos"*. Procurei, deliberadamente evitar opiniões, deixando-as, com o instrumental do texto, para o leitor.

Acredito no valor estético e histórico da obra literária de Richard Wright, e sua importância e contribuição, como integrante da diáspora africana espalhada pelo mundo, para a cultura universal.

Em Porto Alegre, março/abril/maio de 2007.

ANEXO⁴⁶

"Um europeu em visita à África vê apenas uma parte do continente - na maioria das vezes, só a camada externa, sua parte menos importante e menos interessante. Seus olhos deslizam pela superfície sem se aprofundar, conto se não acreditasse que por trás de cada coisa pode se esconder um mistério e que, dentro dele, podem se ocultar ainda mais mistérios. A cultura européia não está preparada para mergulhar nas fontes de outros mundos e de outras culturas. O drama de toda cultura - e da européia, inclusive - remonta

44 - Peter Henry Abrahams, nasceu em 1919, numa favela de Johannesburgo. Renomado romancista.

45 - Em *"Chickenboones – A Journal, of Literary & Artistic African-American Themes"*.

46 - De Ryszard Kapuściński, in *Ébano - Minha vida na África*. Companhia das Letras, tradução de Thomasz Barcinski. Páginas 353 e seguintes.

ao passado, quando se estabeleceram os primeiros contatos com outras civilizações. Na maioria das vezes, esses contatos foram conduzidos por pessoas da pior espécie, por saqueadores, mercenários, aventureiros, degredados, traficantes de escravos, entre outras. Embora tenha havido exceções - bondosos missionários, viajantes e pesquisadores apaixonados-, o tom, o clima e o padrão dos relacionamentos culturais foram impostos, há séculos, pela escória humana. Obviamente, nem passava pela cabeça dessa gente a idéia de conhecer outras culturas, de estabelecer uma linguagem comum, de respeitar outros povos. A maioria dos aventureiros era formada por mercenários brancos, descorteses e insensíveis e, freqüentemente, analfabetos. Seu único interesse era conquistar, saquear, matar; não pretendiam o conhecimento mútuo, a aproximação, a integração. O resultado desses encontros de culturas diferentes foi se tornarem inimigas e, na melhor das hipóteses, indiferentes umas às outras. Seus representantes, com exceção dos patifes já mencionados, se evitavam e se temiam. A monopolização dos contatos entre as culturas por essa espécie de gente foi a causa do mau relacionamento entre elas. As relações entre as pessoas passaram a ser guiadas pelo mais primitivo dos critérios - o da cor da pele. O racismo passou a ser a ideologia pela qual as pessoas definiam suas posições na ordem mundial. Brancos e negros: nessa relação, ambos os lados sentiam-se desconfortáveis. Em 1894, o general inglês Frederick Lugard, à frente de um destacamento militar, penetra no interior da África Ocidental para dominar o reino Borgu. Antes, porém, deseja encontrar-se com seu monarca. O emissário do rei informa que este não pode recebê-lo. Durante todo o encontro, o emissário cospe sem cessar num recipiente de bambu pendurado em seu pescoço: o ato de cuspir é uma defesa, uma purificação do contato com o homem branco.

O racismo, o ódio àqueles que nos são diferentes, o desprezo e o desejo de exterminá-los têm suas raízes nas inter-relações coloniais na África. Tudo foi desenvolvido e praticado lá séculos antes de os sistemas totalitários inocularem essas práticas tenebrosas e infames na Europa do século xx.

Outro efeito de o monopólio dos contatos com a África haver ficado nas mãos de seres desprezíveis é o fato de as línguas européias não terem desenvolvido um vocabulário capaz de descrever adequadamente outros mundos não-europeus. Extensas áreas da vida africana deixaram de ser estudadas, e nem mesmo foram tocadas, pela limitação das línguas européias. Como descrever o verdejante e abafado interior da selva? Que nome dar às centenas de árvores e arbustos? Conhecemos palavras como "palmeira"; "baobá", "eufórbia", mas estas são árvores que não crescem na selva. E as gigantescas árvores da altura de dez andares que crescem em Ubangi e Ituri, como se chamam? Como designar os incontáveis insetos que se encontram por toda parte e que continuamente estão nos atacando e picando? Por vezes, até se descobrem seus nomes em latim, mas o que podem significar para o leitor comum? E esses são apenas aspectos da botânica e da zoologia. E quanto ao vasto domínio da psique, das crenças e da mentalidade africana? As línguas européias são ricas, mas unicamente para descrever sua própria cultura e representar seu mundo. Quando se arrisca em outras culturas, quando tenta descrevê-las, expõe suas limitações, seu subdesenvolvimento, todo seu desamparo semântico.

Na África há milhares de ocorrências diversas e contraditórias. Alguém dirá: "Lá há guerra". E terá razão. Outro poderá dizer:

"Lá reina a paz". E também estará certo. Tudo depende de onde e quando.

Na época pré-colonial - portanto, há não muito tempo -, existiam na África mais de 10 mil pequenos países, reinos, uniões étnicas e federações. Ronald Oliver, professor de história da Universidade de Londres, em seu livro *The African Experience*⁴⁷ (Nova York, 1991), chama a atenção para um paradoxo aceito por todos: o de que os colonialistas europeus dividiram a África. Dividiram?, espanta-se Oliver. O colonialismo foi uma brutal unificação perpetrada a ferro e a fogo! Dez mil nações diferentes foram reduzidas a cinquenta.

Mas muito dessa diversidade, desse mosaico, desse quadro em constante movimento composto de pedrinhas, ossinhos, conchinhas, arvorezinhas, plaquetas e folhinhas,

47 - Edição brasileira: *A Experiência Africana, da Pré-história aos dias atuais*. Edição de, Jorge Zahar Editor, Tradução de Renato Aguiar.

continua existindo. Quanto mais olhamos para esse painel, mais vemos os pedaços do quebra-cabeça ir mudando de forma, de lugar, de cor, até emergir um espetáculo que nos atordoa por sua diversidade, riqueza e vibrante colorido.

Anos atrás, passei a noite de Natal no Parque Nacional de Mikumi, no interior da Tanzânia. Era uma tarde quente, clara e sem brisa. Em um descampado no meio do mato e debaixo de um céu desprovido de nuvens, foram postas algumas mesas e, sobre elas, peixes assados, arroz, tomates e pombo, a cerveja local. Tudo iluminado por velas e lâmpadas de querosene. O ambiente era descontraído e, como é comuns na África nessas ocasiões, com muitas piadas e risos. Estavam presentes vários ministros de Estado da Tanzânia, embaixadores, generais e chefes de clãs. A meia-noite já havia passado quando sentia impenetrável escuridão, que começava logo depois das mesas iluminadas, balançar e ribombar. O barulho e o tremor foram ficando cada vez mais fortes, até que, do negrume por trás de nós, irrompeu um elefante. Não sei se alguém já deu de cara com um elefante - não um elefante de zoológico ou de circo, mas um saído das selvas da África, onde ele é o formidável senhor do mundo. Quando o viram, as pessoas foram tornadas de pânico. Um elefante solitário e desgarrado do bando é um animal enfurecido e tresloucado; ataca vilarejos, esmaga choupanas e mata homens e gado.

O elefante é monstruoso. Contempla-nos com um olhar penetrante e está imóvel e quieto. Não sabemos o que vai pela sua enorme cabeça nem o que fará em seguida. Permanece parado por alguns momentos e depois, calmamente, começa a passear entre as mesas. O silêncio e sepulcral - todos estão paralisados de medo. Ninguém pode se mexer, pois qualquer movimento despertaria sua fúria, e ele é um animal rápido; não há como fugir. Por outro lado, sentados, nos colocamos à sua mercê, nos expomos ao seu ataque, corremos o risco de ser esmagados pelas patas do gigante.

O elefante continua o passeio, olha para as mesas postas e para as pessoas estáticas. Seus movimentos e o balançar da cabeça indicam que está hesitante, que não consegue decidir que atitude tomar. Isso dura uma eternidade. Em dado momento, intercepto seu olhar. Ele nos fitava com atenção e em seus olhos notei alguma tristeza.

Por fim, depois de algumas voltas em torno das mesas e da clareira, o elefante nos deu as costas e mergulhou na escuridão. Quando o solo parou de tremer e a escuridão voltou a se aquietar, um dos tanzanianos sentados perto de mim perguntou: "Você viu?". "Sim" respondi, ainda incapaz de me mover. "Um elefante." "Não"; retrucou o tanzaniano. "O espírito da África sempre aparece na forma de um elefante porque um elefante não pode ser derrotado por nenhum outro animal. Nem pelo leão, nem pelo búfalo, nem pela serpente."

As pessoas se dispersaram em silêncio e os meninos apagaram as luzes sobre as mesas. Ainda era noite, mas já estava próximo o momento mais deslumbrante de toda a África, o amanhecer".

O livro objeto deste ensaio, bem como outros dois intensamente utilizados, podem ser adquiridos, Minhas Viagens com Heródoto e Ébano, em quaisquer das livrarias brasileiras. Black Power, entretanto, pode ser encomendado à Amazon.com/ ou à Barnes&Noble.com/ Suas capas são:

